



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIA CARLYANI PEREIRA DE OLIVEIRA

O PORTAL HISPANTV COMO INSTRUMENTO DE DIPLOMACIA PÚBLICA

JOÃO PESSOA

2023

MARIA CARLYANI PEREIRA DE OLIVEIRA

O PORTAL HISPANTV COMO INSTRUMENTO DE DIPLOMACIA PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo

JOÃO PESSOA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48p Oliveira, Maria Carlyani Pereira de.
O portal Hispantv como instrumento de diplomacia pública
[manuscrito] / Maria Carlyani Pereira de Oliveira. - 2023.
73 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. HispanTV. 2. Irã. 3. Mídia. 4. Diplomacia. I. Título

21. ed. CDD 327.81

MARIA CARLYANI PEREIRA DE OLIVEIRA

O PORTAL HISPANTV COMO INSTRUMENTO DE DIPLOMACIA PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: 26/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Filipe Reis Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Silvia Garcia Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À minha família, que esteve ao meu lado durante toda a jornada acadêmica, me apoiando e incentivando a buscar sempre o melhor. Obrigada por compreenderem as minhas ausências e por serem minha fonte de força e motivação. Minha mãe Oziane Félix, minha madrinha Ivonete Feitosa e meus irmãos Maria Carlyni, Yuri Andry e Yanna Karla.

Aos meus amigos e colegas de curso, meu sincero agradecimento pela troca de ideias, pelo apoio mútuo e pelas discussões enriquecedoras ao longo dessa jornada. Obrigada por todas as experiências compartilhadas, Ítalo Estevão.

Ao meu orientador, professor Dr. Filipe Reis Melo, que me proporcionou um grande crescimento pessoal e acadêmico ao me convidar para fazer parte de seu grupo de pesquisa.

Agradeço também aos professores e demais funcionários da instituição pelo conhecimento transmitido, pelo incentivo ao aprendizado e por todas as oportunidades de crescimento que me proporcionaram.

Por fim, agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e pessoal, pois cada experiência vivida contribuiu para o meu amadurecimento e para a conclusão deste trabalho. Obrigada por tornar a experiência de trabalhar e estudar um pouco mais leve e dinâmica, Ingrid Marques, Luaiza Amorim e Valeska Anjos.

RESUMO

A diplomacia pública desempenha um papel cada vez mais significativo nas relações internacionais, permitindo que os países promovam seus interesses, influenciem a opinião pública global e estabeleçam relações mais sólidas com outros países. Nesse contexto, a mídia assume um papel fundamental como uma poderosa ferramenta de diplomacia pública, permitindo que os Estados projetem sua mensagem dirigidas a audiências internacionais de maneira eficaz. Um exemplo notável desse fenômeno é o portal HispanTV, uma plataforma de notícias em língua espanhola que se estabeleceu como um instrumento de diplomacia pública para a República Islâmica do Irã. Através de sua abordagem estratégica e narrativas cuidadosamente construídas, o HispanTV desempenha um papel crucial na promoção dos interesses iranianos e na moldagem da percepção pública em todo o mundo hispânico. A metodologia utilizada neste estudo é baseada na abordagem qualitativa e de caráter exploratório. As ferramentas metodológicas aplicadas se baseiam na investigação e análise do conteúdo dos noticiários veiculados pelo portal HispanTV no período de janeiro a junho de 2023 que passarão pelo processamento de dados do IRAMUTEQ. Nesta análise, exploraremos a natureza e o impacto do HispanTV como um instrumento de diplomacia pública, examinando as estratégias empregadas, os desafios enfrentados e as implicações mais amplas desse uso estratégico da mídia. Ao fazê-lo, este estudo busca fornecer uma compreensão mais profunda da maneira como os Estados utilizam a mídia como um instrumento eficaz de diplomacia pública e os efeitos dessa abordagem no cenário internacional. O Irã utiliza o portal HispanTV como uma plataforma para promover uma imagem favorável do país, enfatizando suas conquistas, riqueza cultural, cooperação internacional e desafiando estereótipos negativos. Ao fornecer uma visão do Irã, o portal contribui para uma compreensão mais abrangente e valorização do país no contexto global.

Palavras-Chaves: HispanTV. Diplomacia. Mídia. Irã.

ABSTRACT

Public diplomacy plays an increasingly significant role in international relations, allowing countries to promote their interests, influence global public opinion, and establish stronger relationships with other nations. In this context, the media assumes a fundamental role as a powerful tool of public diplomacy, enabling states to project their message and effectively influence international audiences. A notable example of this phenomenon is the HispanTV portal, a Spanish-language news platform that has established itself as an instrument of public diplomacy for the Islamic Republic of Iran. Through its strategic approach and carefully crafted narratives, HispanTV plays a crucial role in promoting Iranian interests and shaping public perception across the Spanish-speaking world. The methodology used in this study is based on a qualitative and exploratory approach. The applied methodological tools are rooted in the investigation and analysis of the news content disseminated by HispanTV from January to June 2023, which will undergo data processing using Iramuteq. In this analysis, we will explore the nature and impact of HispanTV as an instrument of public diplomacy, examining the employed strategies, the challenges faced, and the broader implications of this strategic use of media. By doing so, this study aims to provide a deeper understanding of how states utilize media as an effective instrument of public diplomacy and the effects of this approach on the international stage. Iran utilizes the HispanTV portal as a platform to promote a favorable image of the country, emphasizing its achievements, cultural richness, international cooperation, and challenging negative stereotypes. By providing a comprehensive view of Iran, the portal contributes to a broader understanding and appreciation of the country in the global context.

Keywords: HispanTV. Diplomacy. Media. Iran.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
2 A DIPLOMACIA PÚBLICA	11
2.1 Diplomacia na Mídia	17
2.2 Diplomacia Pública Digital	19
3 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO IRÃ	21
3.1 A expansão islâmica	22
3.2 A dinastia Safávida	23
3.3 A dinastia Qajar	24
3.4 A revolução constitucional do Irã	24
3.5 A descoberta do petróleo no Irã	25
3.6 A nacionalização do petróleo no Irã	27
3.7 A Revolução Islâmica	29
3.8 A guerra Irã-Iraque	31
3.9 Programa Nuclear Iraniano	32
3.10 Relação Estados Unidos-Irã	33
3.11 República Islâmica do Irã	34
4 O PAPEL DA MÍDIA NA CONTEMPORANEIDADE	37
4.1 O Estado como instância pública de intermediação	37
4.1 Enquadramento Jornalístico	42
4.2 Papel da mídia nas Relações Internacionais	44
5 PORTAL HISPANTV	46
5.1 O HispanTV e a política de censura	48
6 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IRÃ PELO HISPANTV	53
6.1 O que a nuvem de palavras mostra?	54
6.2 Análise de similitude	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A importância da internet e da mídia como atores das relações internacionais é inegável na era contemporânea. Ambos desempenham um papel crucial na maneira como os países se envolvem e interagem uns com os outros, influenciando a diplomacia, a formação de opinião pública e a disseminação de informações em escala global.

A mídia exerce uma influência significativa na formação da opinião pública internacional. Através de notícias, artigos, blogs e mídias sociais, a mídia dissemina informações e molda narrativas sobre eventos internacionais. Isso tem um impacto direto na maneira como as pessoas percebem e compreendem questões globais, bem como nas suas atitudes em relação a outros países, culturas e políticas externas. A mídia desempenha um papel fundamental na construção de imagens, estereótipos e percepções sobre outras nações, influenciando assim a dinâmica das relações internacionais (CASTELLS, 1999).

O soft power, conceito desenvolvido por Joseph Nye (1990), está intimamente ligado à diplomacia pública. Ele se refere à capacidade de um país influenciar os outros por meio de meios não coercitivos, como cultura, política, educação e valores atrativos. A mídia desempenha um papel crucial na projeção do soft power de um país, pois é por meio dela que a cultura, os valores e as políticas são disseminados.

A diplomacia pública utiliza a mídia como uma ferramenta estratégica para alcançar seus objetivos. Os governos investem em esforços de relações públicas, como campanhas de comunicação, intercâmbios culturais, programas de bolsas de estudo e exposições culturais, para promover uma imagem positiva de seu país no exterior. A mídia desempenha um papel central nesses esforços, permitindo que as mensagens sejam veiculadas em larga escala e alcancem públicos diversos.

Ao usar a mídia como uma ferramenta de diplomacia pública, os países buscam influenciar as percepções e opiniões dos outros Estados e suas sociedades civis. Eles procuram criar empatia, estabelecer parcerias, construir pontes culturais e fortalecer relações bilaterais e multilaterais. Através da mídia, eles podem moldar a narrativa sobre si mesmos e sua política externa, além de abordar questões sensíveis e promover o diálogo.

Nesta pesquisa, o entendimento é o de que a mídia tem se tornado cada vez mais utilizada como ferramenta de diplomacia pública pelos Estados. Através de portais de notícias, canais de comunicação estatais e plataformas de mídia financiadas pelos governos, os países buscam projetar suas mensagens, promover seus interesses e influenciar a opinião pública global. Essas estratégias de diplomacia pública visam moldar a percepção internacional sobre as políticas, valores e objetivos dos Estados, buscando criar uma imagem favorável e fortalecer as relações bilaterais e multilaterais.

Levando em consideração a escassez sobre a temática, este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira o Irã utiliza a diplomacia e estabelece seu espaço na construção da agenda internacional através do portal HispanTV.

Neste trabalho, a opção pelo Irã se dá pela importância do Irã para as relações internacionais, que, essencialmente, está ligada à sua localização estratégica, aos seus recursos energéticos, ao seu programa nuclear, à sua influência regional e às suas relações bilaterais. O país desempenha um papel central nas dinâmicas políticas, econômicas e de segurança no Oriente Médio e além, e seu envolvimento afeta diretamente o cenário internacional.

O portal HispanTV em seu formato de website foi escolhido com base no entendimento de que é o espaço no qual o HispanTV centraliza seu conteúdo. Será analisada a categoria de notícias intitulada “Irán”, do portal para que seja possível identificar o que os redatores apontam como importante dentro de uma variedade de notícias e acontecimentos dentro do espectro cultural do país e para além de suas fronteiras. A trajetória do HispanTV é digna de uma análise profunda visto que é possível observar repetidos encerramentos e suspensões de conta no YouTube nos seus anos de existência no espaço cibernético.

De que maneira o Irã utiliza a diplomacia pública e estabelece seu espaço na construção da agenda internacional através do portal HispanTV? Para responder esta pergunta, projeta-se a necessidade de definir e especificar a diplomacia pública em seus vários escopos de atuação com base em seus desdobramentos ao longo de sua trajetória. Assim como, revisar os principais acontecimentos históricos do Irã, analisar a evolução dos meios de comunicação e seu impacto na construção da agenda política estatal, caracterizar o portal HispanTV a partir do enquadramento jornalístico. Por fim, discutir a construção ou não da imagem positiva do Irã, através do portal HispanTV e debater a utilização do portal HispanTV como instrumento de diplomacia pública pelo governo iraniano.

A metodologia utilizada neste estudo é baseada na abordagem qualitativa e de caráter exploratório. As ferramentas metodológicas aplicadas se baseiam na investigação e análise do conteúdo dos noticiários escritos veiculados pelo portal HispanTV no período de janeiro a maio de 2023. Dessa forma, pode-se destacar que a pesquisa se enquadrava como exploratória e descritiva. A primeira tem objetivo de organizar e aprimorar determinado conhecimento dentro do espectro teórico, além de estimular a produção de conhecimento. A segunda tem por finalidade realizar uma descrição das principais características de um cenário e/ou fenômeno, utilizando-se de ferramentas como coleta de dados, por exemplo.

O IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) é uma ferramenta computacional utilizada para análises multidimensionais de textos e questionários. Ele é baseado na linguagem de programação R e fornece recursos para análise textual qualitativa, como a análise de correspondência simples (ACS) e a análise de similitude (AS).

O processo de análise desenvolvido pelo IRAMUTEQ nesta pesquisa envolve duas fases: a primeira fase utiliza a ferramenta de nuvem de palavras, que desempenha um papel importante na visualização e sumarização dos termos mais frequentes em um conjunto de textos, permitindo uma exploração rápida e resumida dos dados, identificação de temas, tendências e verificação da qualidade da segmentação. Enquanto a segunda se pauta na análise de similitude, que permite identificar similaridades entre os textos com base na frequência e na proximidade das unidades de análise. O IRAMUTEQ oferece essa funcionalidade, permitindo calcular e visualizar a matriz de similitude e identificar grupos de textos com características semelhantes. Uma vez concluída a análise, tornou-se necessário uma interpretação dos resultados obtidos. Isso envolve examinar a sumarização dos textos e termos no mapa gerado pela nuvem de palavras e identificar os *clusters*, que foram formados a partir da análise de similitude, e analisar as associações entre os termos mais frequentes nos textos.

O presente trabalho se encontra dividido em cinco capítulos. O primeiro apresenta o conceito de diplomacia pública, destacando sua evolução ao longo do tempo e explica como ela se diferencia da diplomacia tradicional e como se concentra na comunicação direta com o público estrangeiro para influenciar a opinião pública e promover os interesses nacionais. O segundo capítulo versa sobre a construção histórica e cultural da República Islâmica do Irã e perpassa por eixos como sociedade, cultura, economia, entre outros, em função de

compreender seu processo de construção de imagem perante o cenário internacional. O terceiro discute a importância da mídia como ator das relações internacionais e seu papel na sociedade contemporânea. O quarto capítulo descreve o portal HispanTV, como também destaca seus principais desafios no espaço cibernético. Por fim, o último tem como finalidade utilizar mecanismos como o enquadramento jornalístico e o processamento de dados gerado pelo IRAMUTEQ, que culmina no argumento de que o Irã utiliza o portal HispanTV para construir sua imagem, como também para se comunicar com outros atores não-estatais e, como consequência, para conceber relações políticas que direcionam a política externa do país a uma dimensão favorável.

2 A DIPLOMACIA PÚBLICA

O termo diplomacia pública é um conceito abrangente devido ao conjunto de significados e sistemas de palavras que a própria enunciação evoca. Três categorias de análise podem servir como aporte teórico para se ter um entendimento prático do que é diplomacia pública e o seu *modus operandi* dentro do Sistema Internacional. A primeira é o conceito de diplomacia que é analisado separadamente com objetivo de elucidar o processo de construção do termo. A segunda envolve a compreensão teórica acerca do que os estudiosos intitulam como diplomacia tradicional. E, por fim, tem-se o conceito de diplomacia pública, que culmina na junção da teia de significados atribuídos à diplomacia e a suas variantes ao longo do século XIX e XX.

Segundo a definição do Oxford English Dictionary, diplomacia é “a condução das relações internacionais através de negociações. O método através do qual estas relações são reguladas e mantidas por embaixadores e encarregados; o ofício ou a arte do diplomata.” Portanto, pode-se apontar uma separação entre a metodologia ou, como o próprio dicionário elucidada, a arte do diplomata, do conteúdo que é barganhado durante as negociações, já que as temáticas variam de acordo com o tempo e o contexto em que os atores estão inseridos.

Por se tratar de ações que estão diretamente ligadas à conduta humana, a origem da diplomacia na história da humanidade não possui um marcador temporal concreto. De acordo com Nicolson (2001), as relações humanas na época de transição para um ser racional começaram a se pautar na comunicação entre os seres territorialmente próximos com o objetivo de fortalecer suas relações e, porventura, garantir a sobrevivência. Em outras palavras, durante o amadurecimento da racionalidade humana, em termos psicológicos, percebeu-se que era mais vantajoso adotar uma conduta de negociações, que, obviamente, não denota tanta complexidade no ato de fazer, para se alcançar um objetivo.

A diplomacia nas civilizações da Mesopotâmia e Egito antigos era bastante desenvolvida, considerando as limitações tecnológicas e sociais da época. Essas civilizações estabeleciam relações diplomáticas com outras nações por meio de embaixadas e trocas de mensagens. No Egito, por exemplo, a diplomacia era praticada desde o início da civilização, cerca de 3100 a.C. Os faraós egípcios enviavam embaixadores para outras nações e recebiam embaixadas de outros países para estabelecer tratados de paz, acordos comerciais e relações diplomáticas (OPPENHEIM, 1976).

A Mesopotâmia foi o berço de diversas civilizações antigas, como os sumérios, acádios, babilônios e assírios. Essas civilizações estabeleceram relações diplomáticas com outras nações desde o início da história da região. A diplomacia na Mesopotâmia era conduzida principalmente por meio de embaixadores e emissários, que eram enviados pelos governantes das cidades-Estado para negociar tratados de paz, acordos comerciais e alianças. Esses emissários eram bem recebidos nas cortes estrangeiras, e podiam ficar hospedados em casas especiais para embaixadores. Além dos emissários, havia também os tratados de paz, que estabeleciam a cessação de hostilidades entre duas nações e eram frequentemente negociados após guerras. Os tratados eram formalizados por meio de rituais, como o intercâmbio de presentes e a troca de prisioneiros de guerra (OPPENHEIM, 1976).

Em geral, a diplomacia nessas civilizações era vista como uma forma de evitar conflitos e estabelecer relações comerciais e culturais mais favoráveis, que beneficiassem ambos os lados. Um dos aparatos teóricos que Nicolson (2001) utiliza em sua obra intitulada “The evolution of Diplomatic Method” está associado à sociedade grega. É importante ressaltar que o esquema de negociação está sob o comando de uma sociedade mais organizada, social e politicamente. Dentro de uma lógica jurídica rebuscada, é possível destacar a ideia de embaixador, ou, como destacado na obra de Nicolson (2001), os “elders”. O autor também dedicou parte de seus estudos à diplomacia romana, que ele considerava como um modelo de eficiência e pragmatismo na condução das relações internacionais.

O termo diplomacia, sobretudo, deriva de “diploma”, que, segundo Bobbio (2004, p. 348), “era a folha enrolada usada antigamente para as leis e para os editais públicos, e que passou a ser, depois, sinônimo de licença e privilégio concedido às pessoas.” Dentro da literatura, o termo foi utilizado pelo político e escritor irlandês Edmund Burke, em meados de 1796. Portanto, tem-se uma ideia de que a diplomacia é, em suma, a arte da negociação.

Norberto Bobbio (2004), em sua obra “A Era dos Direitos”, aborda o conceito de diplomacia como uma forma de solução pacífica de conflitos entre Estados. Para Bobbio, a diplomacia é um meio de garantir a coexistência pacífica entre as nações, ao mesmo tempo em que permite a busca de interesses comuns e a defesa dos direitos e interesses nacionais.

Para Bobbio (2004), a diplomacia é uma atividade que requer habilidade e conhecimento técnico, envolvendo a negociação de acordos e tratados internacionais, a comunicação e o diálogo entre as nações e a busca de soluções criativas e justas para os

problemas internacionais. Além disso, Bobbio enfatiza que a diplomacia deve ser exercida de acordo com os princípios do direito internacional, especialmente no que se refere à proteção dos direitos humanos e à promoção da paz e da cooperação entre as nações. Em resumo, para Bobbio, a diplomacia é uma atividade essencial para a promoção da coexistência pacífica entre as nações, envolvendo a negociação de acordos e tratados internacionais, o respeito aos princípios do direito internacional e a busca de soluções justas e criativas para os problemas internacionais.

Joseph Nye (2008), em sua obra "Soft Power: The Means to Success in World Politics", define a diplomacia tradicional como a prática de conduzir relações internacionais por meio da força militar, da coerção econômica e do uso da ameaça. Segundo Nye (2008), a diplomacia tradicional é uma forma de "hard power", ou seja, de poder duro, que se baseia na capacidade de um Estado de impor sua vontade sobre outros Estados por meio da força.

Nye argumenta que a diplomacia tradicional é cada vez menos eficaz na era moderna, na medida em que as relações internacionais são cada vez mais complexas e interdependentes. Em vez disso, ele propõe a adoção de uma abordagem baseada no "soft power", ou seja, no poder suave, que se baseia na atração e na persuasão, em vez da coerção. Em outras palavras, "Ele funciona convencendo os outros para seguir ou concordar com as normas e instituições que produzem o comportamento desejado" (NYE, 1996).

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a diplomacia tradicional foi amplamente utilizada pelos países envolvidos. Muitos Estados tentaram resolver a crise diplomática que levou à guerra por meio de negociações e acordos, mas essas tentativas foram em grande parte infrutíferas. A diplomacia tradicional também foi usada durante a guerra para tentar negociar acordos de paz, mas novamente com pouco sucesso. As potências centrais e os Aliados continuaram a lutar até a derrota final da Alemanha em 1918.

Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a diplomacia tradicional foi novamente utilizada pelos países envolvidos. A diplomacia tradicional foi usada para tentar resolver a crise na Europa que levou à guerra, incluindo a assinatura do Acordo de Munique em 1938. No entanto, esses esforços foram em grande parte infrutíferos e a guerra continuou. Durante a guerra, a diplomacia tradicional foi usada para negociações de paz, como a Conferência de Teerã em 1943, mas novamente com pouco sucesso. Foi somente com a rendição da Alemanha em 1945 que a guerra finalmente chegou ao fim (BEEVOR, 2015).

Em ambos os casos, a diplomacia tradicional foi limitada em sua capacidade de prevenir ou encerrar a guerra. Muitos argumentam que a diplomacia tradicional foi incapaz de resolver as tensões políticas e ideológicas subjacentes que levaram à guerra e que novas abordagens eram necessárias para prevenir conflitos futuros.

Beevor (2015) argumenta ainda argumenta que, em um mundo cada vez mais globalizado, os países estão mais conectados do que nunca por meio de fluxos de comércio, tecnologia, informação e migração, e isso torna mais difícil para um país impor sua vontade sobre outro por meio da força ou da coerção. Concomitantemente, Gilboa (2001) destaca que ao longo das transformações ocasionadas pelo avanço da tecnologia nas últimas décadas, os Estados passaram a ter seu monopólio de informação reduzido com a emergência de atores não-estatais, que, por sua vez, se tornaram agentes participativos nos processos de negociação e resolução de conflitos.

Além disso, Nye (1996) argumenta que a diplomacia tradicional, muitas vezes, gera ressentimento e reações negativas por parte de outros países, especialmente quando a coerção é usada de forma excessiva ou desnecessária. Isso pode levar a um aumento da hostilidade e a um enfraquecimento da posição de um país no cenário internacional (NYE, 1996). Nye (1996), por exemplo, argumenta que o "soft power" é uma abordagem mais eficaz para conduzir relações internacionais, porque ele permite que um país influencie outros países por meio da persuasão e da atração, em vez da coerção. Isso pode levar a uma maior aceitação das políticas de um país por outros países, bem como a uma maior cooperação e colaboração em questões de interesse comum.

O autor compreende que ambos os tipos de poder são importantes para a política externa de um país, e que a combinação dos dois é a chave para a eficácia na política externa. Enquanto o "hard power" pode ser importante em situações de conflito ou crise, o "soft power" é mais eficaz para influenciar a opinião pública e construir alianças de longo prazo (NYE, 1996).

De acordo com Gilboa (2001), a ideia de diplomacia pública se tornou uma faceta importante dentro das relações internacionais no final da Primeira Guerra Mundial. O principal momento que definiu sua notoriedade no palco internacional está centrado no discurso dos Quatorze Pontos de Woodrow Wilson, em meados de 1918. Ao condenar negociações e tratados secretos, anteriormente incorporados pelo que a literatura denomina

diplomacia tradicional, o discurso se torna um marcador temporal do rompimento que a comunidade internacional propõe para administrar as questões internacionais. Segundo Frederick, para a diplomacia pública se torna uma ferramenta tangente nas relações internacionais é necessário ter consciência de “como o público estrangeiro pensa e ter a capacidade de agir dentro de seu campo cultural, sempre com o objetivo final de influenciar o governo de outro Estado alvo de seus interesses e ações (FREDERICK, 1993).”

É possível notar, portanto, que a nova percepção de mundo está ligada à transição da noção de soft power e, como antítese, o hard power, já que os acontecimentos das primeiras décadas do século XX cooperaram para a reformulação do processo de tomada de decisão, tendo em vista que as ações atribuídas à diplomacia tradicional passaram a ocupar um lugar longínquo do que era necessário para o funcionamento pleno das relações entre os Estados. A nova ordem internacional estabeleceu padrões de condutas que refletem a inclusão de atores não-estatais à medida que suas atitudes e demandas atingiram um nível em que as instituições governamentais não puderam escapar. De acordo com Gilboa (2001), a principal característica da diplomacia pública é a capacidade que um Estado tem de utilizar seu potencial em função de estabelecer uma “imagem favorável no exterior”.

Segundo Gilboa (2001), a diplomacia pública se baseia em três princípios fundamentais:

1. Comunicação estratégica: A diplomacia pública envolve a comunicação estratégica de mensagens que se alinham aos objetivos e interesses de um país ou ator internacional. Isso inclui o uso de narrativas convincentes, histórias cativantes e canais de comunicação eficazes para transmitir mensagens e influenciar a opinião pública em outros países.
2. Diálogo e intercâmbio cultural: A diplomacia pública enfatiza o diálogo e o intercâmbio cultural como formas de promover a compreensão mútua, a cooperação e o respeito entre diferentes nações e culturas. Isso pode envolver programas de intercâmbio educacional, eventos culturais, cooperação acadêmica e outras iniciativas que facilitem a interação direta entre os povos.
3. Participação e engajamento: A diplomacia pública busca envolver ativamente o público estrangeiro por meio de interações bidirecionais, permitindo que as vozes e perspectivas das pessoas sejam ouvidas. Isso pode incluir debates públicos, fóruns

online, mídias sociais e outras plataformas de engajamento para facilitar o diálogo entre governos, atores internacionais e o público em geral.

A “nova diplomacia” que se desenvolveu durante o século XX foi caracterizada por dois componentes principais: exposição das negociações aos meios de conversações diretas entre líderes de alto nível. Talvez, mais do que qualquer outro fenômeno, reuniões de cúpula entre líderes protagonistas que procuram uma abertura para a resolução do conflito e, possivelmente, reconciliação a longo prazo demonstram a combinação destes dois componentes (GILBOA, 2002, p.742).

Gilboa argumenta que a diplomacia pública é uma ferramenta importante para os governos em um mundo cada vez mais interconectado, onde as decisões políticas e econômicas têm consequências globais. O autor acredita que a diplomacia pública pode ser usada para aumentar a influência e a legitimidade de um país no exterior, melhorar a imagem do país no mundo e promover interesses estratégicos (GILBOA, 2001).

A diplomacia pública pode ser realizada através de vários meios, como discursos públicos, entrevistas com a imprensa, intercâmbios culturais, programas educacionais e de intercâmbio de estudantes, e o uso das mídias sociais e outras formas de comunicação online. Gilboa (2001) enfatiza que, para ser eficaz, a diplomacia pública deve ser transparente, autêntica e baseada em valores compartilhados entre o país e seus públicos estrangeiros.

Na visão de Mendes (2020) existe uma lógica identitária que caminha ao lado das escolhas de política externa dos estados que, segundo, Jervis (2017[1976]), induzem as percepções do ambiente em que a política internacional se desenrola e a própria concepção do que são os Estados. De acordo com Jervis (2017[1976]), a forma como um estado percebe e é percebido por outros estados desempenha um papel crucial nas relações internacionais. Essa percepção envolve não apenas os fatos objetivos, mas também os sentimentos e sistemas de crenças associados a um estado. A maneira como um estado responde e interage com outro é influenciada pela forma como o enxerga. Isso significa que a percepção mútua entre estados pode afetar profundamente suas relações e moldar o comportamento adotado em suas interações diplomáticas e estratégicas. No entanto, para Boulding (1959), as decisões tomadas pelos países, que moldam suas políticas e ações, não são baseadas exclusivamente nos fatos objetivos de uma situação, mas sim na imagem que eles constroem dessa situação. O comportamento das nações é determinado não pela realidade do mundo em si, mas pelo que elas acreditam que o mundo seja. Em outras palavras, as percepções e as representações mentais que os países têm do mundo têm um impacto significativo nas suas escolhas e nas suas interações com outros atores internacionais.

Para Gilboa (2001), a diplomacia pública difere da diplomacia tradicional em vários aspectos. Enquanto a diplomacia tradicional é muitas vezes vista como uma atividade conduzida pelos governos em segredo, a diplomacia pública envolve a comunicação direta entre governos e sociedades civis estrangeiras, com o objetivo de promover a compreensão mútua e construir confiança (NOYA, 2006). Além disso, enquanto a diplomacia tradicional é frequentemente conduzida por diplomatas e autoridades governamentais de alto nível, a diplomacia pública pode ser realizada por uma ampla gama de atores, incluindo organizações da sociedade civil, acadêmicos, artistas e empresários. Portanto, a diplomacia pública é uma extensão da diplomacia tradicional, mas com um enfoque diferente, buscando aumentar a influência e a legitimidade de um país no exterior através da comunicação direta com públicos estrangeiros, ao invés de apenas negociações entre governos.

A noção de diplomacia pública de Gilboa (2001) é importante para as relações internacionais porque, em um mundo cada vez mais interconectado e globalizado, os governos precisam se comunicar efetivamente com públicos estrangeiros para promover seus interesses e alcançar seus objetivos de política externa. Ao se comunicar diretamente com públicos estrangeiros por meio da diplomacia pública, os governos podem também aumentar a transparência e a prestação de contas em suas políticas externas, o que pode levar a uma maior confiança entre países e entre governos e suas sociedades civis (GILBOA, 2001).

2.1 Diplomacia na Mídia

A diplomacia na mídia, ou a diplomacia através da mídia é uma das estratégias de diplomacia pública identificadas por Eytan Gilboa. Trata-se do uso da mídia para influenciar a opinião pública estrangeira sobre um país ou questão de política externa específica. Entretanto, é importante destacar sua divergência com a diplomacia pública.

Na diplomacia pública, o trabalho dos lados envolvidos na confrontação tem como arma principal a propaganda. Na diplomacia na mídia, o meio de comunicação não é um transmissor da propaganda, e sim um meio de negociação, uma tentativa de evitar ou acabar com conflitos. Na maioria dos casos, a diplomacia pública antecede a diplomacia na mídia, preparando o público envolvido na questão para a negociação do impasse e de suas consequências. A diplomacia na mídia consiste no uso dos veículos de comunicação de massa para a comunicação entre Estados ou entre Estados e atores não estatais com o objetivo de construir formas de se avançarem nas negociações, assim como mobilizar os públicos para que deem suporte aos acordos (VALENTE, 2007, p.95).

Segundo Gilboa, a diplomacia na mídia é uma ferramenta cada vez mais importante para os governos, pois a mídia desempenha um papel significativo na formação da opinião pública e na construção de narrativas sobre questões internacionais. Os governos podem usar a mídia de diferentes maneiras para promover seus interesses, tais como entrevistas com líderes estrangeiros, comunicados oficiais, discursos públicos, programas de intercâmbio cultural e campanhas publicitárias. Então, pode-se avaliar que enquanto a diplomacia pública está voltada para a preocupação de dois ou mais Estados, possivelmente em confronto indireto, na formulação de sua imagem perante os demais (GILBOA, 2001).

A diplomacia na mídia pode ser usada para aumentar a presença de um país no cenário internacional, promover a imagem positiva do país, influenciar a agenda da mídia estrangeira, reforçar alianças internacionais e fornecer informações aos cidadãos estrangeiros sobre a política externa de um país. Além disso, a diplomacia na mídia pode ser usada para construir pontes entre povos de diferentes países, promovendo a compreensão mútua e reduzindo tensões e conflitos. De acordo com Valente (2007),

Trata-se de um importante instrumento de persuasão de grade eficácia, porém subliminar, de bastidor e cuja estratégia, para ser bem-sucedida, necessita mostrar que não é estratégia. É o campo em que o Estado utiliza o que tem de mais sofisticado em seu aparelho, demonstrando que é capaz de se adaptar aos novos tempos, não só lutando pela manutenção do poder, mas trabalhando para a ampliação desse poder (VALENTE, 2007, p. 94-95).

Sendo assim, a diplomacia na mídia é uma estratégia importante de diplomacia pública que permite aos governos se comunicarem diretamente com públicos estrangeiros por meio da mídia, influenciando a opinião pública e promovendo seus interesses de política externa. Entretanto, o autor destaca que esta ramificação da diplomacia pública pode ser bastante problemática no sentido de inviabilizar uma tomada de decisão com maior racionalidade e, com isso, pode acarretar a progressão de um evento internacional a patamares de conflito. Em suas palavras:

Esta mudança no ritmo da comunicação diplomática representa um sério dilema para formuladores de políticas, especialmente em situações de crise. Se eles respondem imediatamente, sem tomar o tempo para analisar opções de política com cuidado, eles podem cometer um erro. Mas, se eles não oferecem nenhuma resposta, eles podem criar a impressão, tanto no ambiente doméstico quanto no exterior, que estão confusos, não sabem o que fazer, ou não têm controle sob o evento ou assunto em questão (GILBOA, 2001, p.14).

Sendo assim, a diplomacia na mídia desempenha um papel cada vez mais importante nas relações internacionais. A mídia permite que os países se conectem com audiências globais, influenciem a opinião pública e construam relacionamentos sólidos entre si. Ao

utilizar a mídia como uma ferramenta estratégica, os Estados podem promover seus interesses, moldar a narrativa global e contribuir para a estabilidade e a cooperação internacionais. A diplomacia na mídia representa uma evolução na maneira como a diplomacia é conduzida, adaptando-se às mudanças tecnológicas e às demandas de uma sociedade cada vez mais conectada.

2.2 Diplomacia Pública Digital

De acordo com Gilboa (2001), a diplomacia pública digital é uma forma moderna de diplomacia pública que utiliza as tecnologias digitais para alcançar públicos estrangeiros e construir relacionamentos com eles. A diplomacia pública digital envolve o uso de meios digitais, como mídias sociais, blogs, sites, e-mails e outros canais de comunicação on-line, para transmitir mensagens, promover a imagem do país e influenciar a opinião pública internacional.

Gilboa destaca que a diplomacia pública digital é uma ferramenta poderosa para governos, pois permite que eles alcancem públicos mais amplos e diversificados, especialmente os mais jovens e conectados digitalmente. Além disso, a diplomacia pública digital pode ser usada para responder a crises e a desastres, transmitir informações precisas e atualizadas, mobilizar recursos internacionais e fornecer apoio a cidadãos estrangeiros (GILBOA, 2001).

Algumas características e estratégias da diplomacia pública digital, de acordo com Gilboa (2001), incluem a presença nas mídias sociais. Sendo assim, os atores diplomáticos devem estabelecer uma presença ativa nas principais plataformas de mídia social, como Facebook, Twitter, Instagram e YouTube, a fim de se conectarem diretamente com o público estrangeiro. Isso envolve a criação de contas oficiais e o compartilhamento de conteúdo relevante e atraente para promover mensagens diplomáticas. Além disso, é visualizada como engajamento em tempo real em que a diplomacia pública digital permite que os atores diplomáticos participem de conversas e debates em tempo real. Eles podem responder a perguntas, fornecer informações atualizadas, esclarecer mal-entendidos e participar de discussões online sobre questões internacionais. O engajamento em tempo real demonstra transparência e disposição para interagir com o público. A diplomacia pública digital também faz uso de conteúdo visual e multimídia para atrair a atenção e transmitir mensagens de forma mais impactante. Isso pode incluir vídeos, infográficos, imagens e histórias visuais que

contém uma narrativa envolvente e transmitam informações de maneira clara e atraente. Ademais, permite que os atores diplomáticos monitorem e analisem dados e métricas relacionadas à sua presença on-line. Isso inclui o acompanhamento do alcance e do engajamento do público, a análise de sentimentos e opiniões expressas nas mídias sociais e a adaptação das estratégias com base nos insights obtidos. Como também, pode envolver a colaboração com influenciadores digitais, blogueiros, vloggers e outras personalidades on-line que têm um grande número de seguidores e influência nas redes sociais. Parcerias com influenciadores podem ajudar a ampliar o alcance das mensagens diplomáticas e atingir públicos específicos.

No geral, a diplomacia pública digital reconhece a importância das tecnologias digitais e das mídias sociais como ferramentas poderosas para alcançar o público e moldar as percepções em um mundo cada vez mais conectado. É uma abordagem que se adapta à era digital e aproveita as oportunidades oferecidas pela tecnologia para fortalecer as iniciativas de diplomacia pública.

No entanto, Gilboa (2001) alerta que a diplomacia pública digital também apresenta desafios e riscos. A disseminação de informações falsas e a manipulação de mídias sociais podem minar a credibilidade dos governos e prejudicar a diplomacia pública. Por isso, é importante que os governos adotem estratégias e práticas eficazes para proteger a integridade da diplomacia pública digital e maximizar seus benefícios.

O Irã considera o uso da diplomacia pública como uma ferramenta estratégica para promover seus interesses e melhorar sua imagem internacionalmente. O país utiliza diferentes meios de comunicação, incluindo mídia estatal, redes sociais e diplomatas, para divulgar sua posição e perspectivas sobre questões regionais e internacionais. Através da diplomacia pública, o Irã busca construir alianças, ganhar apoio e influenciar a opinião pública global.

3 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO IRÃ

O Irã, oficialmente conhecido como República Islâmica do Irã, é um país localizado no Oriente Médio. A história do Irã remonta a milhares de anos atrás e inclui diversas dinastias e impérios que moldaram a sua cultura, política e sociedade. Neste capítulo, no entanto, serão destacados demarcadores históricos pontuais a fim de estabelecer uma cronologia histórica do que se entende por Irã e os acontecimentos que moldaram a construção de sua imagem perante o mundo.

Uma das primeiras civilizações que se estabeleceram no território do Irã foi a dos persas, que criaram o Império Persa por volta do século VI a.C. Esse império foi governado por uma série de reis e imperadores, incluindo Ciro, o Grande, que conquistou a Babilônia e libertou os judeus que estavam em cativeiro sob o domínio do Império Neobabilônico (HOURANI, 1994).

Os persas foram um antigo povo indo-europeu que habitava as planícies do Irã desde pelo menos o segundo milênio a.C. Acredita-se que os persas se originaram nas montanhas Zagros, no oeste do Irã, e gradualmente se espalharam por toda a região. O Império Persa foi fundado por Ciro, o Grande, em 550 a.C. e se tornou uma das maiores potências mundiais da época. O Império Persa incluía territórios que hoje são parte do Irã, Iraque, Afeganistão, Turquia, Síria, Paquistão e partes da Ásia Central (HOURANI, 1994).

Os persas foram famosos por sua riqueza, cultura e arte, e o império persa deixou um legado duradouro na história mundial. O Código de Hamurabi é um dos mais antigos conjuntos de leis conhecidas na história da humanidade. O código é composto por 282 leis escritas em uma estela de pedra, que era exibida publicamente para que todos pudessem ter conhecimento delas. As leis abrangem uma ampla gama de assuntos, incluindo direito civil, direito comercial, direito penal e direito de família. O objetivo principal do código era estabelecer a justiça e a ordem social dentro do império babilônico (POLK, 2009).

Os persas foram sucedidos por uma série de dinastias e impérios ao longo da história do Irã, incluindo o Império Sassânida, que governou o Irã de 224 a 651 d.C. Durante os séculos seguintes, o Irã foi governado por uma série de dinastias islâmicas, incluindo os seljúcidas, os safávidas e os qajares, até a revolução islâmica de 1979 que estabeleceu a atual República Islâmica do Irã (POLK, 2009).

Em 651 d.C., o Império Sassânida, que governava a região, foi derrotado pelos árabes muçulmanos, que introduziram o islamismo no Irã. O Império Sassânida foi marcado por sua cultura rica e altamente sofisticada, incluindo grandes obras arquitetônicas, literárias e científicas. O império também foi famoso por seu exército bem treinado e organizado, que conquistou vastos territórios e derrotou os romanos em várias batalhas (POLK, 2009).

Sob os sassânidas, o zoroastrismo foi a religião oficial do império e o sacerdócio zoroastriano desempenhou um papel importante na vida política e cultural do país. Os sassânidas também foram responsáveis por uma grande parte da preservação e transmissão da cultura antiga, incluindo a poesia e a filosofia persas. O Império Sassânida entrou em declínio no século VII d.C., principalmente devido a conflitos internos e externos. Em 651 d.C., o império foi derrotado pelos árabes muçulmanos, que introduziram o islamismo no Irã e governaram a região por séculos (HOURANI, 1994).

3.1 A expansão islâmica

A expansão islâmica de 651 refere-se à conquista muçulmana do Irã e de outras regiões após a morte do profeta Maomé, em 632 d.C. Durante esse período, o Califado Islâmico, liderado pelos califas Rashidun e, posteriormente, pelos califas Omíadas, expandiu-se rapidamente pela Arábia e além, estabelecendo um vasto império. Após a morte do último califa Rashidun, Ali, em 661, os Omíadas assumiram o poder e continuaram a expansão territorial islâmica. A conquista do Irã começou em 642 com a invasão das províncias orientais do Império Sassânida. No entanto, a resistência persa continuou por vários anos, e foi somente em 651 que a última fortaleza sassânida caiu, consolidando o controle islâmico sobre a região (FERNANDEZ, 2018).

A expansão islâmica trouxe profundas mudanças culturais, religiosas e políticas para o Irã. O islamismo se tornou a religião predominante, substituindo o zoroastrismo, que era a fé dominante na antiga Pérsia. O novo governo islâmico estabeleceu uma nova ordem social e legal baseada nos princípios do Islã (FERNANDEZ, 2018).

Além disso, a expansão islâmica trouxe consigo o desenvolvimento de uma nova cultura e arquitetura, como a construção de mesquitas e outros edifícios islâmicos. Houve também uma fusão de elementos culturais árabes e persas, influenciando a arte, a literatura e a língua persa (FERNANDEZ, 2018). Portanto, é possível pontuar que a expansão islâmica de

651 marcou o início de um período de domínio islâmico no Irã, que durou séculos e moldou a história do país.

3.2 A dinastia Safávida

Outro evento importante na construção social e história do Irã foi a emergência da dinastia Safávida, uma importante dinastia que governou o Irã durante cerca de dois séculos, de 1501 a 1736. Durante esse período, os Safávidas estabeleceram um Estado centralizado, promoveram o xiismo como a religião oficial e tiveram um impacto significativo na história, cultura e identidade do Irã (PEIXINHO, 2010).

Uma das principais realizações dos Safávidas foi a afirmação do xiismo como a religião oficial do Estado. Ismail I declarou o xiismo duodecimano como a religião oficial do império e promoveu ativamente sua disseminação, tanto pela força quanto por meios pacíficos. A conversão em massa ao xiismo marcou um divisor de águas na história religiosa do Irã e até hoje o xiismo é predominante (PEIXINHO, 2010).

A era Safávida foi marcada por um florescimento cultural. A corte Safávida foi um importante centro cultural, onde artistas, poetas, estudiosos e arquitetos se reuniam. A arquitetura safávida é caracterizada por palácios, mesquitas e mausoléus ricamente decorados. A poesia persa também atingiu seu auge durante esse período, com poetas como Shah Ismail I e Shah Abbas I deixando um legado duradouro (PEIXINHO, 2010).

No entanto, a dinastia Safávida entrou em declínio no final do século XVII. Questões de sucessão, conflitos internos e invasões estrangeiras contribuíram para o colapso da dinastia. Os afegãos invadiram o Irã em 1722 e capturaram a capital, Isfahan, resultando em um período de turbulência (PEIXINHO, 2010).

Apesar do declínio e da queda da dinastia Safávida, seu legado permanece. Eles deixaram um impacto duradouro na religião, cultura e identidade iranianas, com o xiismo mantendo-se como a corrente dominante do Islã no país e a cultura persa florescendo sob seu patrocínio. A dinastia Safávida marcou um capítulo significativo na história do Irã (PEIXINHO, 2010).

3.3 A dinastia Qajar

A Dinastia Qajar governou o Irã de 1789 a 1925, um período que foi marcado por importantes mudanças políticas, sociais e culturais no país. A dinastia foi fundada por Agha Mohammad Khan Qajar, que unificou as tribos persas e estabeleceu um governo centralizado. Durante o governo dos Qajars, o Irã enfrentou muitos desafios, incluindo conflitos territoriais com impérios vizinhos e intervenções estrangeiras. O país perdeu partes significativas de seu território para a Rússia e para o Império Otomano, enfraquecendo a soberania persa (BRITANNICA, 2006).

A influência estrangeira também aumentou durante esse período, com potências como a Rússia e o Reino Unido exercendo pressão sobre o Irã. Essa intervenção estrangeira teve um impacto significativo nas políticas internas e externas do país.

No final do século XIX e início do século XX, o Irã testemunhou um movimento de despertar nacional, com o crescimento de movimentos de reforma e a busca pela modernização. Isso culminou na Revolução Constitucional de 1906, que resultou na concessão de uma constituição e na criação de um parlamento, conhecido como Majlis (BRITANNICA, 2006). No entanto, os Qajars foram incapazes de lidar efetivamente com as demandas crescentes por reformas e oposição interna. O descontentamento popular, juntamente com a instabilidade política, levou ao fim da dinastia em 1925 (BRITANNICA, 2006).

3.4 A revolução constitucional do Irã

A Revolução Constitucional do Irã, também conhecida como a Revolução da Pérsia, ocorreu de 1905 a 1911. Foi um movimento popular que buscava a implementação de reformas políticas e a criação de um governo constitucional no país. A Revolução Constitucional foi desencadeada por uma série de fatores, incluindo o descontentamento popular com o domínio autoritário do xá (monarca) Mohammad Ali Shah Qajar, a crescente influência estrangeira e a busca por maior participação política e direitos civis (BRITANNICA, 2006).

O movimento ganhou força em 1905, quando uma série de protestos e greves eclodiu em todo o país. Os manifestantes incluíam uma ampla gama de grupos sociais, como comerciantes, clérigos, estudantes e trabalhadores. Eles exigiam a criação de uma assembleia

eleita, a implementação de uma constituição e o fim da opressão política (BRITANNICA, 2006).

Uma das principais figuras do movimento foi o líder religioso Sheikh Mohammad Ali Tehrani, que se tornou um símbolo da luta pela liberdade e justiça. Ele defendeu os direitos do povo e enfatizou a importância de uma constituição baseada nos princípios islâmicos (BRITANNICA, 2006).

Em 1906, em resposta à pressão popular, o xá Mohammad Ali Shah Qajar foi forçado a aceitar a criação de uma assembleia constitucional e a promulgação de uma constituição. A Assembleia Consultiva, conhecida como Majlis, foi estabelecida como um órgão legislativo eleito e representativo do povo (BRITANNICA, 2006).

A Constituição de 1906 garantia direitos e liberdades fundamentais, como liberdade de expressão, igualdade perante a lei e a criação de um sistema judicial independente. Também estabelecia limitações ao poder monárquico, garantindo a participação do povo na tomada de decisões políticas. No entanto, a implementação completa da constituição enfrentou desafios. O xá Mohammad Ali Shah Qajar tentou reverter as reformas e recuperar seu poder absoluto. Isso levou a confrontos entre os partidários do xá e os defensores da constituição (BRITANNICA, 2006).

Portanto, a Revolução Constitucional do Irã marcou um ponto de virada importante na história do país. Embora tenha havido altos e baixos subsequentes, a constituição e a participação política estabelecidas durante esse período tiveram um impacto duradouro na evolução política do Irã. A Revolução Constitucional abriu caminho para futuras lutas e transformações.

3.5 A descoberta do petróleo no Irã

A descoberta do petróleo no Irã teve um impacto significativo no país e na economia global. A história do petróleo no Irã remonta ao início do século XX. A primeira descoberta importante de petróleo ocorreu em 1908, na região de Masjed Soleyman, no sudoeste do Irã, durante o período da dinastia Qajar. A Anglo-Persian Oil Company (mais tarde conhecida como British Petroleum ou BP) obteve a concessão para explorar e extrair petróleo na região.

No entanto, a exploração e o desenvolvimento do petróleo no Irã ganharam impulso sob o governo do xá Reza Pahlavi, que ascendeu ao trono em 1925. Ele estava determinado a modernizar o país e a utilizar os recursos petrolíferos para impulsionar a economia iraniana.

Em 1933, o xá assinou o Contrato de Petróleo D'Arcy com a Anglo-Persian Oil Company, que concedeu à empresa o direito exclusivo de explorar e produzir petróleo em todo o Irã por um período de 60 anos. Esse contrato foi altamente desfavorável para o Irã, pois concedia à empresa britânica uma parcela desproporcional dos lucros e controle sobre a indústria petrolífera do país.

Ao longo das décadas seguintes, o petróleo iraniano se tornou cada vez mais importante para a economia global. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Irã forneceu petróleo vital para as forças aliadas. Após a guerra, a pressão sobre a indústria petrolífera iraniana aumentou à medida que a demanda global por energia crescia. Isso levou a crescentes demandas por uma divisão mais justa dos lucros do petróleo e um maior controle iraniano sobre a indústria. Em 1951, o primeiro-ministro iraniano Mohammed Mossadegh nacionalizou a indústria petrolífera, encerrando o monopólio britânico e assumindo o controle dos campos de petróleo.

A nacionalização do petróleo levou a uma crise diplomática com a Grã-Bretanha, que impôs um embargo ao petróleo iraniano e buscou medidas para derrubar Mossadegh. Em 1953, houve uma intervenção liderada pela CIA, Central Intelligence Agency, e pelo MI6 britânico, resultando na derrubada de Mossadegh e na restauração do poder do xá Mohammad Reza Pahlavi.

Após o golpe de 1953, o xá manteve o controle sobre a indústria petrolífera e estabeleceu uma parceria com empresas internacionais, como a American International Oil Company (AIOC), que mais tarde se tornou a British Petroleum (BP). Essa parceria permitiu ao Irã obter receitas substanciais com a exportação de petróleo, mas também gerou ressentimento popular devido às desigualdades econômicas e à percepção de exploração estrangeira. A exploração do petróleo no Irã continuou a se expandir nas décadas seguintes, com o país se tornando um dos principais produtores e exportadores globais de petróleo.

3.6 A nacionalização do petróleo no Irã

A nacionalização do petróleo no Irã em 1951 e o golpe de estado de 1953 são eventos significativos na história recente do país e tiveram um impacto duradouro em sua política e economia. O primeiro evento ocorreu quando o primeiro-ministro iraniano Mohammed Mossadegh liderou a nacionalização do setor de petróleo do país, que estava sob controle das companhias britânicas de petróleo, a “Anglo-Iranian Oil Company” (AIOC).

Antes da nacionalização, as companhias estrangeiras exploravam o petróleo iraniano e controlavam a maior parte da produção e dos lucros, enquanto o governo iraniano recebia apenas uma pequena parcela das receitas. A nacionalização teve como objetivo recuperar o controle do país sobre seus recursos naturais e permitir que o governo iraniano assumisse o controle da produção e dos lucros do petróleo.

A nacionalização foi apoiada pela maioria dos iranianos, que viam a exploração do petróleo do país por empresas estrangeiras como uma forma de exploração e imperialismo. No entanto, isso levou a uma reação negativa do Reino Unido e dos Estados Unidos, que se opuseram fortemente à nacionalização. Isso porque os ingleses, especificamente, lucravam de uma maneira financeiramente desproporcional quando comparados aos iranianos (LIMA, 1979).

Seus lucros somente em 1950, ultrapassaram o que ela pagou de royalties ao Governo iraniano em quase 50 anos de atividade; 50 poços em pleno funcionamento, produzindo 30 milhões de barris por ano, tornava o Irã o quarto produtor mundial de petróleo. Mas enquanto os ganhos do Estado iraniano representavam apenas 23 milhões de libras em 1950, ou seja, a metade de seu orçamento, a empresa faturava cinco vezes mais e pagava de impostos à Grã-Bretanha 40 milhões de libras (LIMA, 1979, p.41).

Em 1953, a CIA dos Estados Unidos e o MI6 britânico organizaram um golpe de estado para derrubar o então primeiro-ministro iraniano, Mohamed Mossadegh, que havia sido eleito democraticamente em 1951, e, no seu lugar, instalar uma ditadura liderada pelo Xá Mohamed Reza Pahlavi como líder do Irã. O golpe foi bem-sucedido, e o xá foi alçado ao poder, tornando-se um forte aliado ocidental no Oriente Médio. No entanto, a repressão violenta dos dissidentes políticos e a supressão das liberdades civis levaram a crescente descontentamento popular, que culminou na Revolução Iraniana de 1979.

Com o temor anticomunista crescendo cada vez mais nos Estados Unidos, os golpistas da CIA não tiveram dificuldade em convencer Eisenhower de que o Irã estava prestes a se tornar um país comunista, fenômeno que poderia espalhar-se pela

região e se tornar um desastre político imenso para os Estados Unidos (COGGIOLA, 2008, P. 40).

O golpe de 1953 foi profundamente ressentido pelos iranianos e é visto por muitos como um exemplo de interferência estrangeira nos assuntos internos do país. A nacionalização do petróleo, por outro lado, é vista como um momento de orgulho nacional e um símbolo da determinação do Irã em proteger seus recursos naturais e sua independência política.

A modernização à la ocidente criou uma série de desigualdades sociais e econômicas, com uma elite rica e ocidentalizada em contraste com a maioria da população pobre e rural. Além disso, o governo de Pahlavi era conhecido por sua política autoritária e repressiva, que suprimia a dissidência política e limitava a liberdade de expressão. A ocidentalização do país também gerou descontentamento entre os setores mais tradicionais e religiosos da sociedade iraniana, que viam a influência ocidental como uma ameaça à identidade e valores islâmicos do país.

O governo de Pahlavi também enfrentou críticas devido à sua aliança estreita com os Estados Unidos, o que levou a uma série de políticas impopulares, como a exploração de recursos naturais iranianos por empresas estadunidenses, a compra de armas americanas e a presença militar dos Estados Unidos no país. E, como salienta Mackey,

O Xá Mohammed Reza fora rei do Irã desde os 21 anos. Ele havia negociado com cada presidente norte-americano, de Franklin Delano Roosevelt a Jimmy Carter, disputado com cada líder soviético, de Stalin a Brejnev, feito acordos internacionais com Churchill, De Gaulle, Chiang Kai-shek, Tito, Jawaharlal Nehru e Anwar Sadat e jantado com o Rei britânico George VI e Elizabeth II, a princesa Grace, de Mônaco, o Rei Hussein, da Jordânia, e Imelda Marcos, das Filipinas. Ele conhecia-os bem, parecia, melhor do que conhecia o próprio povo. Durante as últimas três décadas de seu longo reinado, o Xá Mohammed Reza quis coisas diferentes para os iranianos do que eles queriam para si próprios (2008, p. 278).

A volta de Mohammed Reza ao poder em 1953 foi um evento importante na história política do Irã, que teve consequências significativas para o país e para o mundo. O golpe de estado que o colocou de volta no poder foi visto por muitos iranianos como uma intervenção estrangeira e uma violação da soberania nacional, o que contribuiu para o ressentimento anti-ocidental que se intensificou ao longo das décadas seguintes. A estabilidade política e econômica do país sob o xá foi, por um lado, vista como um exemplo de modernização bem-sucedida, mas por outro lado, gerou desigualdades e injustiças que alimentaram o movimento revolucionário que o derrubou.

A Revolução Branca foi um conjunto de reformas econômicas e sociais implementadas pelo xá Mohammed Reza Pahlavi, entre 1963 e 1978, com o objetivo de modernizar o Irã e consolidar o poder do regime monárquico. As reformas incluíam a redistribuição de terras para camponeses, a nacionalização de florestas e a implementação de um programa de industrialização acelerada, que buscava transformar o Irã em uma potência econômica regional. Outras medidas incluíram a introdução de uma série de leis progressistas para promover a igualdade de gênero, a educação e o desenvolvimento da saúde pública (AMANAT, 2017).

No entanto, apesar de algumas conquistas, a Revolução Branca também enfrentou muitas críticas. As reformas foram vistas como desigualdades e injustiças, pois a maioria da população não se beneficiou da modernização do país, enquanto a elite econômica e política se enriquecia. Além disso, as mudanças sociais rápidas e drásticas, como a liberação das mulheres, foram vistas como ameaças à cultura e aos valores tradicionais do Irã (ABRAHAMIAN, 2008).

A Revolução Branca também enfrentou forte oposição de grupos religiosos conservadores, bem como de políticos e partidos de esquerda que defendiam a nacionalização de indústrias e a redistribuição de riquezas. A oposição crescente à Revolução Branca e à monarquia do xá foi um dos fatores que levaram à Revolução Iraniana de 1979, que culminou na queda do xá e no estabelecimento de um governo islâmico liderado pelo aiatolá Ruhollah Khomeini.

3.7 A Revolução Islâmica

A Revolução Islâmica foi um movimento político e social que culminou na queda da monarquia do Irã e na instauração de uma República Islâmica em 1979. A revolução foi liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini, um líder religioso xiita exilado que havia criticado o regime do xá Mohammad Reza Pahlavi por sua política autoritária, alinhamento com o Ocidente e falta de atenção aos problemas sociais e econômicos do país.

Foi o aiatolá Khomeini que desafiou a Revolução Branca do xá. Acusando a distribuição anunciada de terras clericais aos camponeses e a emancipação das mulheres, Khomeini condenou a revolução Branca como sendo o ataque final de Pahlavi aos poderes remanescentes do clero e à posição da religião na sociedade iraniana. Retratando-se como consciência de uma nação, Khomeini declarou que a Revolução Branca desviava da vontade de Deus e violava a fé (MACKEY, 2008, p.224).

O movimento de oposição ao xá Pahlavi cresceu em todo o país, com protestos e manifestações liderados por estudantes, trabalhadores e líderes religiosos. Em janeiro de 1979, o xá fugiu do país e Khomeini retornou do exílio, sendo recebido com uma grande manifestação popular.

O movimento foi surgindo aos poucos até eclodir com manifestações nas ruas. O Xá então fugiu do país deixando o governo sob a responsabilidade do primeiro-ministro Shapour Bakhtiar. Quando retornou do exílio, após a fuga de Pahlavi, Khomeini, que contava com o apoio de religiosos, liberais e comunistas, instruiu comitês revolucionários em todo o Irã. As manifestações se intensificaram, seguidas por uma greve geral. As pessoas se sentiram fortalecidas com o retorno de Khomeini ao país [...] ninguém sabia ao certo qual seria o resultado da revolução, mas milhares de pessoas saíram às ruas reivindicando um novo governo (PESSUTO, 2011, p. 62).

Khomeini e seus seguidores estabeleceram um governo islâmico e começaram a implementar reformas religiosas, sociais e políticas. A nova constituição iraniana estabeleceu o Aiatolá como a mais alta autoridade religiosa e política do país, e o cargo de primeiro-ministro foi abolido em favor de um presidente eleito.

A revolução foi, de fato, tomada dos trabalhadores em 1979, principalmente pela política hesitante das organizações de esquerda. Os mulás militantes estavam em melhor posição para dirigir a revolução, pois eram a única força com intenções políticas definidas, organização e uma estratégia prática (COGGIOLA, 2008, P.87).

Portanto, a década de 1970 foi marcada por protestos e manifestações de estudantes, trabalhadores e grupos políticos de esquerda e direita, que exigiam mudanças democráticas e sociais mais amplas no país. Em 1978, a morte de um estudante em uma manifestação em Teerã desencadeou uma onda de protestos e greves que culminou na Revolução Iraniana de 1979.

Os primeiros anos do governo islâmico no Irã foram marcados por grandes mudanças e desafios. Após a Revolução de 1979, a liderança religiosa liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini assumiu o poder e instituiu uma nova ordem política, social e religiosa no país.

Sob a influência do Aiatolá Khomeini, o Irã adquiriu um grande grau de liberdade em sua formulação de política externa e em exercer sua influência na região. A liberdade de agir “independente” de poderes externos, é claro, tinha sido um dos principais objetivos da revolução, mas em relação à formulação de políticas essa nova liberdade apreciada foi reforçada pela dominação dos clérigos do estado iraniano autônomo de longa data, fundada como antes com o seu monopólio de receitas dos recursos de hidrocarbonetos do país (EHTESHAMI, A. 2002, p. 289).

Uma das primeiras medidas do novo regime foi a criação de uma Assembleia Constituinte para redigir uma nova Constituição que refletisse a natureza islâmica do Estado.

Em dezembro de 1979, a Constituição foi aprovada por um referendo popular com uma ampla maioria (MACKEY, 2008).

O governo islâmico implementou uma série de reformas que afetaram todos os setores da sociedade iraniana. As medidas incluíam a nacionalização de indústrias, a reforma agrária, a criação de um sistema de saúde e educação gratuito e a promoção dos direitos das mulheres. Além disso, foram criados tribunais islâmicos para julgar casos de acordo com a lei islâmica. O novo governo também enfrentou oposição interna e externa. Grupos de oposição, incluindo os membros do antigo regime, resistiram à mudança e tentaram minar o novo governo.

Apesar desses desafios, o governo islâmico do Irã sobreviveu aos primeiros anos e se consolidou ao longo do tempo, estabelecendo uma nova ordem política e social no país. Em 1980, o Iraque invadiu o Irã, o que levou a um longo e sangrento conflito conhecido como a Guerra Irã-Iraque, que durou oito anos.

3.8 A guerra Irã-Iraque

A Guerra Irã-Iraque foi um conflito armado que ocorreu entre 1980 e 1988 entre o Irã e o Iraque. O conflito começou quando o Iraque invadiu o território iraniano em setembro de 1980, alegando que o Irã estava apoiando grupos rebeldes no Iraque. Levando consideração a ideia de Coggiola (2007, p.103), “a intenção de Saddam Hussein era fazer uma guerra curta, extremamente móvel, com tanques e aviões, que lhe permitisse estar em Teerã em três semanas, como ele assegurara aos norte-americanos.”

A guerra também foi marcada por uma série de atrocidades e violações dos direitos humanos, incluindo execuções em massa, ataques a civis e prisioneiros de guerra e o uso de armas químicas e biológicas. Apesar de várias tentativas de mediação, o conflito se arrastou por quase oito anos, até que o Iraque aceitou um cessar-fogo em 1988. O saldo de mortes foi estimado em cerca de um milhão de pessoas, com outros dois milhões de pessoas feridas e deslocadas. O Iraque recebeu apoio militar e financeiro de países ocidentais e do Golfo Pérsico, enquanto o Irã recebeu apoio da Síria e de grupos xiitas no Líbano.

Não há como negar que a guerra teve um impacto significativo na região do Oriente Médio, incluindo a reorganização do equilíbrio de poder na região e a transformação das relações entre o Irã e o Iraque. Além disso, o conflito ajudou a aumentar a influência do Irã na região e a fortalecer o movimento islâmico xiita em todo o mundo.

3.9 Programa Nuclear Iraniano

Outro ponto a ser ressaltado é a construção de um programa nuclear dentro do país. O Irã começou a explorar a energia nuclear na década de 1950, e em 1967 assinou o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), comprometendo-se a usar a energia nuclear apenas para fins pacíficos.

Esse renovado interesse na energia nuclear tinha suas raízes na necessidade de diversificar a matriz energética nacional e compensar, no longo prazo, o petróleo subtraído ao mercado doméstico por causa de um novo e provável embargo petrolífero imposto pelos países árabes. Por essa razão, os Estados Unidos e os principais países europeus (principalmente Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocidental), apoiaram o projeto nuclear iraniano lucrativo também para a indústria de componentes do Ocidente e garantiram a colaboração de seus próprios centros de pesquisa para o desenvolvimento atômico de Teerã (LAMPREIA, 2015, P.134).

O programa nuclear do Xá do Irã teve início na década de 1970, quando o país estava em um período de rápido crescimento econômico e modernização sob o governo autoritário do Xá Mohammad Reza Pahlavi. O objetivo do programa era fornecer energia nuclear para o país e reduzir sua dependência do petróleo.

O Xá assinou acordos com a França, Alemanha e Estados Unidos para a construção de usinas nucleares e para fornecer tecnologia e treinamento nuclear para o Irã. A França concordou em construir a usina nuclear de Bushehr, enquanto a Alemanha e os Estados Unidos forneceram tecnologia nuclear e equipamentos para outras usinas (LAMPREIA, 2015). O programa nuclear do Xá também foi usado para fins políticos, como parte de sua estratégia de fortalecer sua posição regional e aumentar a influência do Irã no Oriente Médio. Ele argumentou que o programa nuclear era uma questão de orgulho nacional e que o Irã tinha o direito de desenvolver tecnologia nuclear avançada como um país soberano.

Após a Revolução Iraniana de 1979, o programa nuclear do Xá foi interrompido e a maioria dos especialistas e equipamentos estrangeiros foi expulsa do país. No entanto, o novo governo islâmico do Irã também viu o potencial da energia nuclear para atender às necessidades energéticas do país e reiniciou o programa nuclear em meados da década de 1980, embora com um foco mais limitado em usos civis (LAMPREIA, 2015). O Irã tem buscado a energia nuclear para atender às suas necessidades de energia elétrica e de desenvolvimento econômico, bem como para manter sua posição regional de poder.

O Irã argumenta que seu programa nuclear é exclusivamente para fins pacíficos e que tem o direito soberano de explorar a energia nuclear para fins civis. O país afirma que está em

conformidade com as salvaguardas da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e que o programa nuclear é um direito soberano de qualquer Estado, desde que seja usado apenas para fins pacíficos (MACHADO DA SILVA, 2010).

No entanto, alguns países não-ocidentais, como Israel e Arábia Saudita, têm expressado preocupação com o programa nuclear iraniano, argumentando que o Irã está buscando desenvolver armas nucleares. Eles argumentam que o Irã está usando seu programa nuclear como uma ferramenta para fortalecer sua posição no Oriente Médio e ameaçar a estabilidade regional. A Rússia e a China, no entanto, têm se mostrado mais favoráveis ao programa nuclear iraniano e têm cooperado com o país em seu desenvolvimento nuclear. Esses países argumentam que o programa nuclear iraniano é um direito soberano e que o país tem o direito de buscar a energia nuclear para fins pacíficos (MOTA, 2010).

Portanto, pode-se destacar que enquanto alguns países ocidentais veem o programa nuclear iraniano como uma ameaça à segurança regional e global, países não-ocidentais tendem a ver o programa como um direito soberano e um meio legítimo de desenvolvimento econômico e de energia.

3.10 Relação Estados Unidos-Irã

A relação entre os Estados Unidos e o Irã tem uma longa história que remonta ao início do século XX e pode ser delimitada a setores como energia, economia, comércio, entre outros (CORDESMAN, 2011). É possível, portanto, afirmar que as questões que permeiam a relação entre os Estados estão intrinsecamente ligadas à medida que se estabelece um nível de competição.

Um dos momentos mais importantes dessa relação foi a nacionalização do petróleo iraniano em 1951, liderada pelo primeiro-ministro Mohammed Mossadegh, que corroborou para um maior embate diplomático entre o Irã e os Estados Unidos. Como já ressaltado neste capítulo, houve um momento em que as grandes potências, encabeçadas por Estados Unidos e Reino Unido, detinham um poder aquisitivo livre no setor do petróleo iraniano (PECEQUILO, 2009). Outro fator que possibilitou uma aproximação friamente calculada foi as consequências da Guerra Fria e como os Estados Unidos se articulavam para criar bloqueios aos soviéticos direcionados à exploração do petróleo na região (BRZEZINSKI, 1987).

Em 1953, os Estados Unidos e o Reino Unido organizaram um golpe de Estado que derrubou Mossadegh e restaurou o poder do Xá Mohammad Reza Pahlavi, que governou o país com apoio dos EUA até a Revolução Iraniana de 1979. Durante o governo do Xá, os Estados Unidos estabeleceram uma estreita aliança com o Irã, fornecendo apoio militar e econômico ao regime (KARMAL, 2007). No entanto, a Revolução Iraniana de 1979 trouxe uma mudança dramática nessa relação. O novo regime islâmico liderado pelo aiatolá Khomeini se opôs fortemente aos EUA, que haviam apoiado o Xá.

Nos anos seguintes, a relação entre os Estados Unidos e o Irã se deteriorou ainda mais, com a imposição de sanções econômicas pelos EUA ao Irã, o apoio americano ao Iraque durante a guerra Irã-Iraque nos anos 1980, e a retórica agressiva dos líderes dos dois países. O programa nuclear iraniano também tem sido uma questão importante na relação entre os dois países, com os Estados Unidos liderando uma campanha internacional para limitar o programa nuclear iraniano.

3.11 República Islâmica do Irã

Levando em consideração as temáticas levantadas neste capítulo, é possível afirmar que a construção social do Irã é influenciada por vários fatores históricos, culturais e religiosos. A sociedade iraniana é composta por diversas etnias, sendo a maioria persa (cerca de 61% da população). Outros grupos étnicos incluem azeris, curdos, luros, balúchis, turcomenos e árabes.

A religião dominante no Irã é o islamismo xiita, que foi estabelecido como a religião oficial do país após a Revolução Islâmica em 1979. A religião desempenha um papel importante na vida cotidiana dos iranianos, influenciando a política, a educação e a cultura. O clero xiita tem um papel de destaque no país e exerce uma grande influência sobre a sociedade e a política. Estima-se que cerca de 90% da população do Irã seja muçulmana, e a grande maioria é xiita.

O xiismo é uma das duas principais vertentes do islamismo, sendo a outra o sunismo. Os xiitas acreditam que a liderança do Islã deve ser passada por herança direta do profeta Maomé, enquanto os sunitas acreditam que a liderança deve ser eleita pelos muçulmanos. O xiismo é particularmente importante para o Irã porque o país tem uma longa história de liderança xiita, desde o período Safávida do século XVI até a atual República Islâmica. O líder religioso supremo do Irã, conhecido como o Aiatolá, é a mais alta autoridade xiita do

país e tem um papel importante na tomada de decisões políticas e religiosas. Embora o islã seja a religião predominante no Irã, há também minorias religiosas significativas, como os cristãos, judeus, zoroastristas e bahá'ís.

O Irã tem um papel importante nas relações internacionais, especialmente no Oriente Médio, onde tem sido um ator-chave em muitos conflitos regionais. O país tem uma posição estratégica no Golfo Pérsico, bem como conexões com a Ásia Central e o Cáucaso, tornando-o um importante ponto de trânsito para comércio e energia. Levando em consideração o Produto Interno Bruto (PIB), o Irã em 2021 apresentou cerca de US\$ 359 bilhões enquanto o Iraque, por exemplo, US\$ 207 bilhões.¹

Mapa 1 - Oriente Médio



Fonte: Perry Castañeda. Disponível em: <https://11nq.com/Wteh5>

Como demonstrado no mapa, a posição estratégica do Irã permite o acesso a importantes rotas de transporte marítimo, como o Estreito de Ormuz, que é uma passagem crucial para o transporte de petróleo do Golfo Pérsico. Além disso, a fronteira com o último país árabe, Iraque, desempenha um papel importante na condução das relações do Irã para

¹ Dados retirados do World Development Indicators. The World Bank. <<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>> Acesso em 02 jun. 2023.

com o mundo árabe. Historicamente, a relação entre o Irã e o Iraque tem sido complexa e marcada por períodos de tensão e conflito. Um exemplo significativo disso é a Guerra Irã-Iraque, que ocorreu entre 1980 e 1988, resultando em milhares de mortes e enormes danos aos dois países.

Além disso, o Irã tem se envolvido em esforços para estabelecer uma maior influência regional, por meio de alianças políticas, apoio a grupos militantes e envolvimento em conflitos regionais. O país é um aliado importante da Síria e do grupo Hezbollah no Líbano, e tem desempenhado um papel na guerra civil na Síria e no conflito no Iêmen.

O Irã apresenta uma capacidade política e econômica importante para a dinâmica das relações internacionais. Em função da formulação de estratégias para exercer sua influência, o país utiliza a mídia como uma ferramenta importante para promover sua agenda política, religiosa e cultural. O país possui uma ampla rede de mídia estatal que inclui rádio, televisão e jornais. Essa mídia é utilizada para fortalecer a imagem do país no cenário internacional.

4 O PAPEL DA MÍDIA NA CONTEMPORANEIDADE

O mundo contemporâneo está atrelado à capacidade de transformação instantânea e a mecanismos que regulam a dinâmica social conforme institucionalizam normas e crenças que são postuladas, subjetivamente, como “verdades absolutas” e, portanto, tornam-se padrões de conduta.

Levando em consideração os novos desafios e dilemas, pode-se destacar no âmbito das relações internacionais a mudança da percepção de como os atores devem atuar no palco internacional sem acarretar efeitos colaterais intensos. Outrora é possível observar a utilização do hard power para alcançar determinados objetivos, enquanto nos moldes do contemporâneo, a introdução de uma nova perspectiva: o *soft power*, que se distancia radicalmente da ideia anterior de alcançar objetivos por intermédio da coerção, que é, fundamentalmente, o uso da força em termos militares e econômicos.

4.1 O Estado como instância pública de intermediação

A participação dos Estados no contexto do sistema global é um fenômeno intrincado, uma vez que o comportamento e a definição de uma agenda são influenciados por uma série de elementos. Isso inclui a interação de diferentes grupos de interesse, bem como a personalidade do líder, os valores da elite, a sociedade civil, a tradição histórica e a estrutura ideológica. Essa combinação de fatores influencia a forma como as aspirações são manifestadas no âmbito internacional, seja para alcançar metas de curto prazo ou para buscar soluções de longo prazo por meio de negociações e cooperação.

Nesse contexto, é fundamental ressaltar que uma parcela significativa da literatura atribui ao Estado um papel central e, em última instância, exclusivo no que se refere à condução da política externa. O processo de tomada de decisão é logicamente construído a partir de negociações entre grupos de interesse e a burocracia, além de considerar a personalidade do líder, particularmente o Chefe do Executivo, como uma variável relevante em qualquer análise qualitativa. No entanto, é a figura do Estado que tem o poder decisório final, sendo responsável por determinar questões relacionadas às relações internacionais. Portanto, não é possível dissociar a política externa do Estado, uma vez que o resultado está intrinsecamente ligado às ações estatais, que representam os interesses nacionais.

De acordo com Lafer (2000), é evidente que, apesar da interação entre os Estados progredir em direção a uma maior participação conjunta no cenário internacional, envolvendo atores não governamentais, empresas, grupos sociais, entre outros, o desempenho da política externa de um país resulta da conciliação das demandas internas com as oportunidades externas, que se entrelaçam na implementação das decisões. Em outras palavras, é crucial encontrar uma abordagem que permita alcançar resultados favoráveis tanto no âmbito internacional quanto no doméstico.

É importante salientar que não há uma estrutura hierárquica em termos de importância quando se trata das necessidades externas e internas. Na realidade, ambas ocupam posições interligadas e sobrepostas no contexto da busca por interesses. Além disso, o processo de institucionalização, juntamente com a participação de organismos burocráticos na arena política, pode impor certas restrições que condicionam a plena atuação do Estado.

No seu livro "A Mídia e a Modernidade: uma Teoria Social da Mídia", Thompson (2011) descreve a evolução da mídia ao longo do tempo em três fases: oralidade, escrita e mídia eletrônica. Na fase da oralidade, que prevaleceu na maioria das sociedades pré-modernas, a comunicação era transmitida oralmente, através de histórias, mitos e tradições passadas de geração em geração (THOMPSON, 2011). Em outras palavras, a oralidade foi caracterizada por uma comunicação face a face, em que o controle da informação era descentralizado e as pessoas confiavam em sua própria memória para transmitir informações. Melo (2003) pontua que essa transição é demasiada simbólica e representa o fim de uma modalidade de se relacionar com o mundo e seus componentes.

Na fase da escrita, que surgiu com a invenção da escrita e se tornou predominante na Europa com a invenção da imprensa, a comunicação tornou-se mais abstrata e formalizada. A escrita permitiu que as informações fossem armazenadas e transmitidas para além das fronteiras temporais e geográficas, o que permitiu a formação de uma cultura de leitura e o surgimento de um mercado de livros (THOMPSON, 2011). Segundo o autor, "Com o desenvolvimento da imprensa [na Europa - nota nossa] no século XV, livros, panfletos e outros impressos circulavam bem além de seus locais de produção, frequentemente atravessando as fronteiras dos Estados nacionais emergentes" (THOMPSON, 2011, p.137).

Entretanto, é importante destacar que as técnicas de impressão foram viabilizadas 400 anos antes no Oriente Médio. Em contrapartida a Thompson (2011), Melo (2003) pontua que

a impressão nos moldes do que seria descrito na Europa por volta do século XV já estava presente no Oriente, no momento em que “chineses, japoneses e coreanos não apenas realizavam impressões tabulares desde o século VII, mas chegaram até a possuir tipos móveis, por volta do século XI” (MELO, 2003 p. 33).

Por fim, na era da mídia eletrônica, que se estabeleceu a partir da Revolução Industrial no século XVIII, com a invenção do telégrafo e se acelerou com o surgimento da televisão, da internet e das redes sociais, a comunicação tornou-se mais instantânea, onipresente e globalizada. Thompson (2011) argumenta que o principal marcador temporal dessa transformação comunicacional foi o estabelecimento de um sistema de cabos submarinos encabeçados pelas potências europeias, que possibilitou, por exemplo, a criação do telégrafo. A mídia eletrônica mudou profundamente a natureza da comunicação, permitindo que a informação fosse transmitida em tempo real para qualquer lugar do mundo, levantando questões sobre a confiabilidade e a autenticidade da informação (THOMPSON, 2011).

Outro fator importante a ser levantado é, justamente, a criação de agências internacionais de notícias. Segundo Thompson,

A importância das agências de notícias neste contexto era tripla. Primeiro, as agências tinham como objetivo a sistemática coleta e disseminação de notícias e outras informações [...] Segundo, depois de um período inicial de rivalidade competitiva, as maiores agências de notícias finalmente concordaram em dividir o mundo em esferas de operação mutuamente exclusivas, criando assim um ordenamento multilateral de redes de comunicação que eram efetivamente globais em alcance. Terceiro, as agências de notícias trabalhavam estreitamente ligadas à imprensa, fornecendo aos jornais histórias, extratos e informações que poderiam ser impressas e difundidas para uma enorme audiência (THOMPSON, 2011, p. 139).

Além disso, é interessante destacar que o papel e a influência, quando analisado as interações sociais, da Internet pode ser comparado com o surgimento da energia elétrica no século XVIII (GARGIONI, 2019).

A mídia, em suas diversas formas, como televisão, rádio, jornais, revistas, internet e redes sociais, desempenha, portanto, um papel importante na criação e disseminação de ideias, valores e normas culturais. Sendo assim, pode ser entendida como um agente de mudança social e cultural, pois tem a capacidade de influenciar a forma como as pessoas pensam, agem e se relacionam entre si. Por meio de suas mensagens, a mídia pode moldar a opinião pública, afetar o comportamento das pessoas e criar novas tendências culturais.

No entanto, é importante lembrar que a mídia não age sozinha, mas sim em um contexto social, político e econômico mais amplo. Ela está sujeita a influências e interesses externos, como as demandas do mercado, a pressão de grupos de interesse e a regulação governamental. Além disso, é um espaço de conflito e disputa, onde diferentes vozes e perspectivas competem por atenção e visibilidade.

A mídia pode ser vista como uma agência de comunicação que desempenha um papel importante na modificação da sociedade e da cultura, mas é importante lembrar que ela atua em um contexto mais amplo e está sujeita a influências e interesses externos. Segundo o dicionário Priberam, o conceito de mídia se limita a:

1- Todo o suporte de difusão de informação (rádio, televisão, imprensa, publicação na Internet, videograma, satélite de comunicação etc.) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário na transmissão de uma mensagem. 2 - Conjunto dos meios de comunicação social (PRIBERAM on-line, 2008-2013).

Para Briggs (2007), existe uma concentração dos meios de comunicação para poucos conglomerados midiáticos. Ele argumenta que a propriedade e o controle dos meios de comunicação estão cada vez mais concentrados em um número limitado de empresas de grande porte, que possuem um poder significativo sobre a produção e distribuição de conteúdo.

Briggs (2007) afirma que essa concentração tem implicações significativas para a diversidade de vozes e perspectivas na mídia, bem como para a competição e a inovação. Ele argumenta que, embora a concentração possa levar a uma maior eficiência e a economias de escala, também pode levar a uma diminuição da diversidade de conteúdo e de pontos de vista na mídia.

Além disso, Briggs (2007) destaca que a concentração dos meios de comunicação pode afetar negativamente a concorrência, com os grandes conglomerados midiáticos tendo uma vantagem competitiva sobre empresas menores e independentes. Ele argumenta que isso pode levar a uma menor inovação e criatividade na mídia, bem como a uma maior homogeneização do conteúdo.

De acordo com Abreu (2018), a concentração dos meios comunicacionais globais é um fenômeno que ocorre quando um número reduzido de conglomerados midiáticos detém a propriedade e o controle da maior parte dos meios de comunicação em escala global. Esses

conglomerados possuem um grande poder econômico e político, o que lhes permite influenciar a opinião pública e as decisões políticas em níveis nacionais e internacionais.

Abreu (2018) destaca que a concentração dos meios comunicacionais tem implicações significativas para a democracia e para a liberdade de expressão. Quando um pequeno número de conglomerados controla a maior parte dos meios de comunicação, há uma tendência para que as vozes alternativas e as perspectivas críticas sejam suprimidas. Isso pode levar a uma visão limitada do mundo e à manutenção de estruturas de poder injustas.

Além disso, a concentração dos meios comunicacionais pode afetar negativamente a diversidade cultural e a produção de conteúdo local. Os conglomerados tendem a produzir conteúdos padronizados e a impor uma cultura de massa global, o que pode levar à homogeneização e à perda da diversidade cultural (ABREU, 2018).

A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom, mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje (KELLNER, 2001, p. 09).

Portanto, a concentração dos meios comunicacionais globais é um fenômeno que ocorre quando um pequeno número de conglomerados detém o controle da maior parte dos meios de comunicação em escala global. Isso tem implicações significativas para a democracia, a liberdade de expressão e a diversidade cultural (ABREU, 2018).

O conceito de poder construído por Habermas pode ser analisado paralelamente ao fenômeno de concentração dos meios de comunicação globais. Segundo Habermas (2012), o poder pode ser exercido de três formas: por meio do poder estratégico, do poder comunicativo e do poder emancipatório. O poder estratégico é aquele que se baseia na força, na coerção e na manipulação, enquanto o poder comunicativo é aquele que se baseia na argumentação, no diálogo e na persuasão. Já o poder emancipatório é aquele que se baseia na transformação da realidade social, na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

O autor argumenta que o poder estratégico é o mais comum na sociedade atual, e que a comunicação é frequentemente distorcida pelos interesses de poder. No entanto, ele defende que a ação comunicativa é capaz de contrapor-se a essas distorções, possibilitando uma forma mais democrática de poder.

O poder estratégico é uma forma de poder que se baseia na coerção, na manipulação e na intimidação, e que é exercida através do controle dos recursos e da tomada de decisões estratégicas. Ele se manifesta quando os indivíduos ou grupos impõem sua vontade sobre os outros sem que haja uma compreensão mútua ou um acordo entre eles (HABERMAS, 2012, p. 198).

Essa citação destaca a natureza coercitiva e manipuladora do poder estratégico, que é exercido através do controle dos recursos e da tomada de decisões unilaterais. Para Habermas (2012), essa forma de poder é problemática porque não se baseia em uma compreensão mútua entre os participantes e não leva em consideração as perspectivas e interesses dos outros.

4.1 Enquadramento Jornalístico

O conceito de enquadramento, proposto por Erving Goffman em sua obra "Frame Analysis", é fundamental para entendermos como os indivíduos percebem e interpretam a realidade social. De acordo com Goffman, os indivíduos utilizam enquadramentos para dar sentido às situações sociais em que se encontram (GOFFMAN, 1986).

Um enquadramento pode ser entendido como uma estrutura interpretativa que nos permite compreender e dar sentido aos eventos e situações que vivenciamos (GOFFMAN, 1986). Por exemplo, quando estamos em um restaurante, nosso enquadramento nos leva a compreender que aquele espaço é destinado à alimentação, que devemos seguir algumas normas de comportamento e que esperamos que os funcionários nos atendam de determinada maneira.

Goffman (1986) argumenta que os enquadramentos são construídos socialmente e que as pessoas são constantemente encorajadas a aceitá-los e a conformar-se a eles. O autor também aponta que os enquadramentos podem ser contestados ou alterados através de práticas de resistência ou de subversão por parte dos indivíduos.

Além disso, Goffman (1986) destaca que os enquadramentos são influenciados pelo contexto social e histórico em que se inserem. Dessa forma, as estruturas interpretativas que utilizamos para dar sentido à realidade podem variar de acordo com o momento histórico, a cultura e as relações de poder presentes na sociedade.

Eu entendo por enquadramento o uso do conhecimento prévio e comum, tanto formal quanto substancial, a fim de perceber, identificar, localizar e categorizar eventos, situações e ações dentro das fronteiras da experiência social (Goffman, 1986, p. 10).

Essa citação mostra como o conceito de enquadramento é usado para analisar como as pessoas interpretam e dão significado às experiências sociais, usando seus conhecimentos prévios e compartilhados para categorizar e entender os eventos em que estão envolvidos. Goffman argumenta que esses enquadramentos são fundamentais para a compreensão da organização social da experiência.

Portanto, o conceito de enquadramento proposto por Goffman nos ajuda a compreender como os indivíduos utilizam estruturas interpretativas para dar sentido às situações sociais em que se encontram. Esses enquadramentos são construídos socialmente e podem ser contestados ou alterados através de práticas de resistência por parte dos indivíduos.

De acordo com Entman (1993), o enquadramento (ou framing, em inglês) refere-se ao processo pelo qual os meios de comunicação selecionam, enfatizam, interpretam e apresentam informações de maneiras específicas para influenciar a opinião pública e moldar a percepção do público sobre um assunto. Em outras palavras, o enquadramento é a forma como os meios de comunicação apresentam um determinado evento ou questão, moldando a maneira como as pessoas o veem e o compreendem.

O enquadramento pode ser usado para enfatizar determinados aspectos de um evento ou questão, suprimir outros e interpretar os fatos de maneiras diferentes, dependendo do ponto de vista que se deseja transmitir. Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental no processo de enquadramento, pois são responsáveis por decidir quais informações são apresentadas, como elas são apresentadas e quais pontos de vista são incluídos ou excluídos (ENTMAN, 1993).

O conceito de enquadramento é importante porque pode influenciar significativamente a opinião pública e a forma como as pessoas percebem e interpretam a política e os eventos globais. Compreender como os meios de comunicação enquadram as questões e eventos internacionais pode ajudar a identificar as motivações por trás da cobertura da mídia e a entender como a opinião pública é formada em relação às questões globais.

De acordo com Norman Fairclough (2001), os textos midiáticos funcionam como um meio de reproduzir e reforçar as ideologias e valores dominantes na sociedade. Em sua abordagem crítica do discurso, Fairclough argumenta que os textos midiáticos são produzidos por meio de práticas sociais complexas e são influenciados pelas relações de poder e pelas estruturas sociais.

O autor identifica três dimensões inter-relacionadas do discurso: prática discursiva, prática social e prática ideológica. A prática discursiva refere-se ao uso específico do idioma e da gramática em um texto, a prática social refere-se ao contexto em que o texto é produzido e consumido, e a prática ideológica refere-se às ideologias e valores que são reproduzidos e reforçados pelo texto (FAIRLOUGH, 2001).

Dessa forma, os textos midiáticos são produzidos dentro de um contexto social e político específico e são moldados pelas relações de poder e pelas ideologias dominantes na sociedade. O papel da mídia, segundo Fairclough (2001), é o de produzir e disseminar esses textos que refletem e reforçam as ideologias e valores dominantes, a fim de moldar a opinião pública e manter a hegemonia social (FAIRLOUGH, 2001). Em outras palavras, Fairclough (2001) argumenta que os textos midiáticos funcionam como um meio de reproduzir e reforçar as ideologias e valores dominantes na sociedade, moldando a opinião pública e mantendo a hegemonia social.

De acordo com o artigo de Fontes (2017), o papel da mídia é fundamental nos estudos das Relações Internacionais, especialmente quando se trata da relação entre mídia e política externa. A mídia é uma fonte importante de informação e análise sobre eventos internacionais, e seu papel na formação da opinião pública em relação à política externa é significativo.

4.2 Papel da mídia nas Relações Internacionais

De acordo com a teoria de construção social do conhecimento proposta pelo teórico das Relações Internacionais, Nicholas Onuf (2012), o mundo é visto como um sistema de significados compartilhados que é construído pelos indivíduos que o habitam. Onuf argumenta que as relações internacionais são baseadas em ideias e normas compartilhadas pelos atores internacionais, que são construídas socialmente ao longo do tempo através de interações entre os indivíduos e os grupos.

Essas ideias e normas são construídas por meio de processos de interpretação e negociação, que são influenciados por fatores históricos, culturais e políticos. Elas moldam como os atores internacionais percebem e respondem a eventos, criando um conjunto de expectativas compartilhadas que moldam o comportamento dos atores no sistema internacional (ONUF, 2012).

De acordo com Onuf (2012), a construção social do conhecimento é um processo contínuo e dinâmico, que é influenciado por mudanças nas condições políticas, econômicas e sociais. Ele argumenta que os atores internacionais têm a capacidade de mudar a estrutura de significados do sistema internacional por meio de suas interações, o que pode levar a mudanças significativas nas normas e ideias que governam o comportamento dos atores internacionais.

No que se refere a mídia, Onuf (1998) reconhece a importância da mídia na construção social do conhecimento e na formação de ideias e normas que moldam o comportamento dos atores internacionais. Ele argumenta que a mídia desempenha um papel fundamental na disseminação de ideias e informações que influenciam a percepção que as pessoas têm do mundo ao seu redor.

O autor destaca que a mídia é uma das principais fontes de informação e interpretação dos eventos internacionais, moldando a maneira como as pessoas percebem e compreendem os conflitos, crises e questões internacionais. Ele argumenta que a mídia é um ator importante na criação e manutenção de estereótipos e narrativas que afetam a percepção pública das questões internacionais e moldam as políticas dos governos (ONUF, 1998).

Além disso, Onuf destaca que a mídia desempenha um papel na criação de uma "opinião pública" internacional, que pode influenciar as decisões dos governos e dos atores internacionais. Ele argumenta que a opinião pública internacional pode ser um fator importante na determinação do sucesso ou fracasso de políticas internacionais e na formação de coalizões em torno de questões específicas (ONUF, 1998).

Do ponto de vista construtivista, o portal HispanTV pode ser analisado como uma ferramenta que busca construir e disseminar uma narrativa específica sobre a política internacional, promovendo a visão do Irã e moldando a percepção pública. Por meio de suas reportagens, editoriais e entrevistas, o portal busca influenciar a forma como os eventos são entendidos, reforçando as perspectivas iranianas e as normas que eles consideram importantes.

5 PORTAL HISPANTV

A influência da mídia na formação e na percepção da realidade é um fenômeno bastante estudado, pois os meios de comunicação apresentam um alcance global significativo. Pesquisadores do discurso consideram que o mundo é socialmente construído e este trabalho adota esta perspectiva. A atuação no palco internacional está ligada à atuação de grandes meios de comunicação que influenciam sutilmente a concepção do que entendemos como realidade social e, portanto, exercem seu poder através do soft power.

Os meios de comunicação tradicionais, ao se darem conta da emergência do ciberespaço e de seu potencial político e social, formularam estratégias para a inserção de seu conteúdo em diferentes plataformas digitais, com o objetivo de alcançar o maior número de pessoas. A mídia busca consolidar sua voz para a transformação ou para a manutenção do *statu quo*. O Irã, através de seu canal HispanTV, busca desempenhar um papel relevante, como potência regional no palco das relações internacionais. Ao propiciar programas que tratam da cultura iraniana, da religião islâmica e dos principais movimentos sociais do país, o HispanTV está ao mesmo tempo quebrando barreiras preconceituosas estabelecidas pela mídia ocidental, como também, promovendo a importância de um espaço de fala direcionado àqueles que foram e são silenciados pelos meios de comunicação dominantes.

O HispanTV, conhecido como o primeiro canal de língua espanhola do Oriente Médio, é apresentado como meio de comunicação alternativo quando comparado às mídias ocidentais tradicionais, com seus noticiários, programas e documentários. Seu objetivo é oferecer aos usuários de vários países da língua espanhola um serviço digital e a cabo de qualidade.² O HispanTV, cujo portal começou a operar na capital do Irã em novembro de 2010, iniciou a sua transmissão via satélite em dezembro de 2011. Este canal internacional do governo iraniano, tem como sede Madri (Espanha). Apresenta uma grade de 24 horas de transmissão. O HispanTV está disponível em diversas plataformas digitais, como o YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, Telegram e WhatsApp e seu portal escrito online.

É possível dividir a programação do canal em duas partes. Por um lado, existem programas que apresentam uma imagem do Irã e de sua sociedade, dando ao mesmo tempo uma importância significativa à vida religiosa. Por outro lado, o canal transmite programas que promovem debates sobre questões de natureza política, social e econômica mundiais. O

² Descrição do HispanTV a partir do *website*: <https://www.hispantv.com/nosotros>.

HispanTV aponta como propósito o firme comprometimento como meio de comunicação que promove a aproximação de povos ao Irã, como os latino-americanos e os do Oriente Médio, além de destacar a importância de criar maior unificação entre os povos da América Latina (HispanTV, 2023). Sendo assim, o canal propõe a reflexão de vários eventos internacionais, a fim de promover a formação de opinião de modo consciente.

O portal HispanTV, objeto da pesquisa, é um portal de notícias em língua espanhola, que é propriedade da emissora de televisão iraniana Press TV. O portal é organizado em diferentes seções para ajudar os usuários a navegar e encontrar notícias sobre temas específicos. Segue um resumo das seções principais do site:

1. “Noticias”: Esta seção é a página principal do portal e contém as últimas notícias sobre o Irã e outras notícias internacionais relacionadas à América Latina, África, Ásia e Europa.
2. “Programas”: Esta seção contém uma lista de programas de televisão e documentários produzidos pela HispanTV. Os usuários podem assistir a vídeos de programas que já foram ao ar na emissora de televisão.
3. “Videos”: Aqui é possível encontrar vídeos e reportagens sobre os mais variados assuntos, incluindo política, economia, cultura e sociedade.
4. “Opinión”: Esta seção contém artigos e opiniões de especialistas, jornalistas e analistas políticos sobre questões relacionadas ao Irã e à política internacional.
5. “América Latina”: Esta seção é dedicada às notícias e informações relacionadas à América Latina, incluindo reportagens sobre política, economia e cultura na região.
6. “África”: Esta seção contém notícias e informações relacionadas à África, incluindo reportagens sobre questões políticas e econômicas no continente.
7. “Asia y Oceanía”: Aqui é possível encontrar notícias e informações relacionadas à Ásia e Oceania, incluindo reportagens sobre política, economia e cultura na região.
8. “Europa”: Esta seção contém notícias e informações relacionadas à Europa, incluindo reportagens sobre questões políticas e econômicas no continente.
9. “Sociedad”: Esta seção é dedicada a notícias e reportagens sobre questões sociais e culturais, incluindo direitos humanos, educação, meio ambiente, ciência e tecnologia.

10. “Deportes”: Aqui é possível encontrar notícias e reportagens sobre esportes, incluindo futebol, basquete, tênis e outros esportes populares em todo o mundo.

Os usuários podem navegar facilmente pelo portal usando o menu superior e os botões de navegação na página principal. A seção Irán do portal HispanTV, que será estudada nesta pesquisa, é dedicada exclusivamente às notícias e informações relacionadas ao Irã. Esta seção contém uma variedade de notícias e reportagens sobre questões políticas, econômicas, sociais e culturais no Irã. Algumas das subseções da seção Irán incluem:

1. “Política”: Esta subseção contém notícias e reportagens sobre questões políticas no Irã, incluindo eleições, relações internacionais, direitos humanos e questões relacionadas ao programa nuclear iraniano.
2. “Economía”: Aqui é possível encontrar notícias e informações relacionadas à economia iraniana, incluindo reportagens sobre comércio, investimento, energia e indústria.
3. “Sociedad”: Esta subseção é dedicada a notícias e reportagens sobre questões sociais e culturais no Irã, incluindo educação, saúde, meio ambiente, arte e cultura.
4. “Ciencia y tecnología”: Aqui é possível encontrar notícias e informações sobre desenvolvimentos em ciência e tecnologia no Irã, incluindo inovações em áreas como medicina, informática e energia.
5. “Deporte”: Esta subseção é dedicada às notícias e informações sobre esportes no Irã, incluindo futebol, basquete, vôlei e outros esportes populares no país.
6. “Multimedia”: Aqui é possível encontrar vídeos e galerias de fotos relacionados ao Irã, incluindo entrevistas, documentários e reportagens especiais.

Essas são algumas das subseções da seção Irán do portal HispanTV. A seção é atualizada regularmente com as últimas notícias e informações sobre o Irã e é uma fonte útil para aqueles que desejam acompanhar os acontecimentos no país.

5.1 O HispanTV e a política de censura

O HispanTV é de suma importância, como meio de comunicação, para exemplificar as políticas de censura que são adotadas com o objetivo de controlar a circulação de informação

e a comunicação quando se trata, principalmente, de meios de comunicação que divergem significativamente da ideologia estabelecida pelo *mainstream*, seja de ordem política, religiosa, social ou econômica. Portanto, a origem do HispanTV pode ser compreendida como resposta ao predomínio exorbitante que os meios ocidentais - especialmente estadunidenses - apresentam na América Latina e no mundo.

De antemão, é necessário salientar que, etimologicamente, a censura é a existência de uma severa desaprovação e, conseqüentemente, uma remoção da circulação de informação que concerne ao interesse público, visando à proteção dos interesses de uma classe específica. Sendo assim, os principais atores deste processo são os veículos midiáticos incorporados a um papel ditatorial e imperialista que, nitidamente, inibem as ideias libertárias e interrompem de maneira significativa a compreensão da realidade em função de uma narrativa exclusiva e limitada.

Entendemos, assim, que o HispanTV é apresentado ao mundo como um meio alternativo anti-imperialista que busca, através de um comprometimento sério com a realidade dos fatos, divulgar não somente um lado de um fenômeno social, mas conceder voz àqueles que são diariamente silenciados pela mídia hegemônica, já que a influência dos meios de comunicação sobre as opiniões é uma consequência inerente à vida social, mesmo que não de forma absoluta.

O HispanTV, em 31 de janeiro de 2023, completou 11 anos de um trabalho dedicado a reportar notícias internacionais e a compartilhar as especificidades do Irã. O portal está comprometido a enfatizar os laços umbilicais que ligam os países que formam a América Latina e as particularidades em comum que são observadas entre os latino-americanos e os iranianos no que se refere, por exemplo, às lutas sociais. Com a adoção de uma língua bastante disseminada pelo mundo, o idioma espanhol, e com intuito de competir com outros meios de comunicação internacional, o HispanTV apresenta um alcance mundial consideravelmente alto, portanto, capaz de incomodar o *statu quo* dos meios de comunicação que se apresentam como “mainstream”, detentores de uma “verdade absoluta” incapaz de ser flexibilizada ou desmentida.

É possível observar que a perseguição política tornou-se um fenômeno quase frequente ao longo de sua trajetória no mundo da informação. Sendo assim, além de ressaltar a importância de seu trabalho na esfera política e cultural, é necessário salientar os diversos

desafios com que este meio de comunicação se deparou ao longo de sua existência como veículo midiático que, intencionalmente, coloca-se em oposição às perspectivas hegemônicas mergulhadas em uma linha imperialista. São onze anos de uma luta incessante contra um sistema que não é capaz de proporcionar um espaço de fala àqueles que necessitam afirmar o papel de países orientais no mundo longe de uma manipulação exacerbada. Por consequência, tem-se um movimento de desconstrução quanto ao preconceito estrutural que existe há séculos no Ocidente em relação ao Oriente.

O histórico do HispanTV em termos de censura dentro da plataforma Youtube, por exemplo, é consideravelmente preocupante. Em 2020, em relatório publicado em decorrência da pesquisa realizada na cota CNPq/PIBIC 2019-2020, sob orientação do professor Dr. Filipe Reis Melo, foram computados 4 bloqueios anos 2017, 2018, 2019 e 2020, além de severas restrições como a suspensão da conta, isto é, o HispanTV ficou impossibilitado de realizar carregamentos dos vídeos, o que levou à interrupção de sua grade de programação e a perda do número de inscritos no canal (dados observados em 31 de julho de 2020). Ademais, é importante destacar que essa política de censura não se limita somente ao YouTube, mas também à transmissão via satélite em países da América Latina e a outras plataformas digitais, como o Facebook e o Twitter.

No dia 30 de dezembro de 2017, o canal HispanTV enfrentou o seu primeiro registro de cancelamento. Naquela época, o canal contava com aproximadamente 329.550 assinantes e mais de 48 mil vídeos em sua plataforma no YouTube. O Google, empresa responsável pela administração do YouTube, suspendeu o canal alegando violação da diretriz relacionada ao "envio de spam, incluindo publicidade indesejada ou conteúdo comercial indesejado, ou solicitações em massa ou indesejadas" (HispanTV, 2017). O HispanTV contestou essa alegação, afirmando que nunca havia adotado esse tipo de comportamento (HispanTV, 2017). Para contornar o bloqueio, o HispanTV criou um novo canal no YouTube com o mesmo nome.

O segundo bloqueio ocorreu alguns meses depois, em 22 de agosto de 2018. Nessa ocasião, a principal medida adotada foi a restrição de acesso do HispanTV à sua conta no YouTube, resultando na interrupção de suas atividades diárias, como a publicação de vídeos (HispanTV, 2018). Apesar da suspensão do acesso à conta, os vídeos antigos ainda estavam disponíveis para o público. Naquele momento, o canal contava com mais de 700 mil seguidores e aproximadamente 56 mil vídeos. Um dos programas mais populares, "Detrás de

la Razón", apresentado por Roberto de La Madrid, tinha mais de 100 mil assinantes. A diferença em relação ao primeiro bloqueio foi que o Google não apresentou uma explicação clara e precisa para a suspensão da conta do HispanTV, o que levanta a suspeita de que talvez não tenha existido uma justificativa plausível e coerente para o cancelamento do canal. Pela segunda vez, o HispanTV criou um novo canal no YouTube.

O terceiro episódio de censura ocorreu em 27 de abril de 2019, novamente com a alegação de que o canal teria cometido "violações graves ou repetidas da política do YouTube relacionadas a spam, práticas e conteúdo fraudulentos ou outras violações dos Termos de Serviço". No entanto, o HispanTV afirmou veementemente que não havia violado tais diretrizes (HispanTV, 2019). Pela terceira vez, o HispanTV criou um novo canal e retomou a divulgação de seus vídeos.

É demasiado importante ressaltar a repercussão que esta perseguição política apresenta no palco das mídias internacionais. A TeleSUR, meio de comunicação multi-estatal de origem latino-americana, também comprometido, assim como o HispanTV, em estabelecer uma nova ordem comunicacional, reportou as políticas de censura direcionadas ao canal iraniano (TeleSUR, 2020). A mídia latino-americana, que também luta pela democratização da plataforma digital, reafirma a necessidade da emergência de políticas que incentivem a liberdade de expressão nos meios de difusão de informação, pois este é o único caminho que abrange e oferece voz aos povos que são diariamente silenciados pelos detentores do controle da informação internacional.

O La Juventud, periódico uruguaio, noticiou o primeiro momento em que a conta do HispanTV fora encerrada, em dezembro de 2017. O jornal destaca que o Google justificou o encerramento alegando que o HispanTV havia violado uma de suas normas de conduta, “não é permitido o envio de spam, inclui o conteúdo publicitário ou comercial não desejados, de solicitações em massa ou não desejadas.” (La Juventud, 2017). O jornal uruguaio ratifica que o HispanTV não violou qualquer política de conduta do YouTube e ainda ressalta que o canal naquele momento apresentava cerca de 329.550 inscritos e 48.991 vídeos na plataforma YouTube.

A Carta Capital, revista semanal brasileira, reportou a censura que o HispanTV sofreu na rede social americana Twitter. O jornal aponta que a suspensão ocorreu dias após o presidente estadunidense, Donald Trump, ter ordenado o bombardeio do aeroporto de Bagdá,

capital do Iraque, ato que resultou na morte de Qassem Soleimani, que comandava a força de elite Quds da Guarda Revolucionária do Irã, considera pela administração estadunidense como uma organização terrorista (Carta Capital, 2020). O programa “Etiquetaje” classificou o assassinato do militar como terrorismo estadunidense (Carta Capital, 2020). Assim como as justificativas utilizadas na suspensão e encerramento de conta na plataforma YouTube, o Twitter tampouco estendeu sua explicação e a resumiu à violação de suas regras de conduta.

O Haaretz, jornal israelense, também reportou o encerramento da conta Google do HispanTV que, conseqüentemente, restringiu o acesso do meio de comunicação ao seu canal na plataforma YouTube. Entretanto, apontou que o canal no início de abril de 2019 havia publicado um relato acusando Israel de utilizar prisioneiros palestinos para novos ensaios médicos (Haaretz, 2019). Sendo assim, o jornal israelense, que aponta a publicação desta notícia como um dos motivos do bloqueio, reconhece o HispanTV como anti-Israel. A Forbes, companhia estadunidense, noticiou o bloqueio da conta do HispanTV no Google em 2019 sem qualquer resquício de aviso. O meio de comunicação utilizou a mesma justificativa que a imprensa israelense: o bloqueio ocorreu em resposta, essencialmente, ao conteúdo publicado pelo HispanTV no qual o canal iraniano havia declarado que Israel estava conduzindo testes médicos em prisioneiros palestinos (Forbes, 2013). Ademais, é importante salientar que o Google não esclareceu completamente o(s) motivo(s) da suspensão de conta.

Levando em consideração os aspectos trabalhados na seção acima, o HispanTV se apresenta como um veículo de comunicação baseado nos interesses estatais do Irã e por isso torna-se necessário compreender de que maneira as ferramentas utilizadas pelo governo se colocam no papel ativo de influência sobre a subjetividade do coletivo.

6 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IRÃ PELO HISPANTV

Neste capítulo serão explorados os resultados em formato de grafo do corpus textual que passaram pela análise do software IRAMUTEQ. O recorte temporal estabelecido na construção do “corpus” textual está centrado nas notícias que foram veiculadas pelo portal HispanTV em sua aba denominada Irán entre janeiro e maio de 2023. Foram analisadas 260 notícias no recorte temporal estabelecido. Para facilitar a maior compreensão dos dados estabelecidos a partir dos grafos, requisitos foram aplicados com base no nível de importância e repetição levando em consideração as formas ativas em relação às notícias veiculadas no portal.

A princípio, os dados foram processados pela análise da nuvem de palavras, que é gerada a partir da frequência das palavras encontradas nos textos analisados. Quanto mais frequente uma palavra aparecer, maior será o tamanho dela na nuvem. Essa representação visual permite identificar rapidamente as palavras mais relevantes em um “corpus” de textos. Em seguida, foi utilizado a ferramenta análise de similitude do IRAMUTEQ, que permite identificar a similaridade entre os textos de um corpus, fornecendo informações sobre quais textos possuem características semelhantes. Essa análise é útil para explorar relações e padrões entre os textos, agrupando-os com base em suas características compartilhadas.

A análise de similitude no IRAMUTEQ é baseada no cálculo de distâncias entre os textos, utilizando medidas estatísticas para determinar o grau de semelhança entre eles. Existem várias medidas de distância disponíveis, como a distância Euclidiana, a distância de Manhattan e a distância de cosseno. Cada medida tem suas próprias características e é aplicada de acordo com o tipo de dados e os objetivos da análise.

Ao executar a análise de similitude no IRAMUTEQ, é possível gerar visualizações gráficas, como dendrogramas (representações em formato de árvore) e mapas multidimensionais, que ajudam a identificar grupos ou “clusters” de textos com características semelhantes. Com o objetivo de melhorar a visualização dos resultados, foi necessário modificar os índices das bordas nas duas etapas, sendo a primeira aplicado um total de 100 bordas limítrofes e na segunda cerca de 163 bordas limítrofes. Levando em consideração os resultados obtidos pela análise do IRAMUTEQ, tornou-se necessário a interpretação dos dados com base nos objetivos da pesquisa, que se resume a construção da imagem do Irã através do Portal HispanTV quando situado no cenário internacional.

iniciativa de se engajar em determinadas ações que visam moldar e influenciar a realidade social.

Por exemplo, se o Irã decidir "ir" a uma reunião diplomática com o objetivo de propor novas ideias ou normas para a comunidade internacional, em termos de cooperação, que apresenta cerca de 110 ocorrências, logo está exercendo sua agência construtivista. Ele está agindo de forma intencional para influenciar a construção da realidade social, buscando mudar ou transformar as normas e estruturas existentes. Dessa forma, o verbo "ir" pode ser visto como um reflexo da agência do Irã, que reconhece sua capacidade de agir e moldar ativamente a realidade social em que está inserido.

As palavras "país", "revolución", "iraní", "unir" e "nación" estão relacionadas em um contexto político e social, especialmente quando consideramos o caso específico do Irã e suas experiências históricas. "País" e "nacional" estão conectados conceitualmente, referindo-se a uma entidade geográfica, política e cultural com fronteiras definidas. No contexto do Irã, "país" pode se referir à nação e ao território iraniano. "Revolución" está associada a mudanças sociais, políticas e econômicas radicais e abruptas. No contexto iraniano, "revolución" deve se referir à revolução iraniana ocorrida em 1979, motivo de orgulho do governo e as decisões tomadas nessa revolução definem a realidade do país hoje.

O Irã passou por uma revolução em 1979, conhecida como Revolução Islâmica, que levou à derrubada da monarquia e estabeleceu um sistema teocrático liderado por aiatolás. "Iraní" se refere à nacionalidade ou à identidade étnica das pessoas do Irã. No contexto político, "iraní" pode estar relacionado aos cidadãos que participaram da revolução, bem como às dinâmicas políticas e sociais do país. "Unir" está ligado à ação de juntar ou reunir diferentes elementos ou grupos em prol de um objetivo comum. Nas palavras do Aiatolá Seyed Ali Khamenei,

El objetivo del Hach es unir a la Umma (comunidad) islámica contra la incredulidad, la opresión, la arrogancia y los ídolos humanos y no humanos”, ha subrayado el ayatolá Jamenei en una reunión mantenida este miércoles con funcionarios y organizadores iraníes de los rituales de la peregrinación anual musulmana del Hach. El ayatolá Jamenei ha precisado que un punto importante en la peregrinación anual del Hach es que el Islam muestra prácticamente que no acepta las distinciones que existen en el mundo: no acepta la discriminación racial, la división geográfica o la brecha de clase (HispanTV, 2023).

No contexto iraniano, "unir" pode estar associado aos esforços de construção nacional após a revolução, quando havia uma ênfase na unidade e coesão social. "Nación" é um termo

amplo que se refere a uma comunidade de pessoas que compartilham uma identidade cultural, histórica e política. No contexto do Irã, "nación" pode remeter à ideia de construção de uma identidade nacional iraniana após a revolução e à noção de unidade entre os cidadãos. Sendo assim, é possível compreender que estas palavras estão interconectadas por meio de temas políticos, sociais e culturais, refletindo a complexidade da história e da dinâmica do Irã, especialmente em relação à Revolução Islâmica e à construção de uma identidade nacional.

A palavra “cooperación” apresentou cerca de 110 ocorrências e tem impacto significativo na construção da imagem do Irã na América Latina, por exemplo. Em 05 de fevereiro de 2023, o portal publicou uma notícia relacionada a cooperação entre Cuba e o governo iraniano na qual enfatizou “Irán y Cuba, que iniciaron sus relaciones diplomáticas en 1979, han ido reforzando cooperaciones bilaterales en diversos sectores como el energético, agrícola, bancario e industrial (2023)” com base no combate às sanções que são impostas pelo Ocidente.

6.2 Análise de similitude

Neste subcapítulo, está localizado o gráfico que contém a árvore de coocorrência, ferramenta utilizada para realizar análise de similitude, que foi processado pelo software IRAMUTEQ, tendo como base de linha limítrofe 150 ocorrências.

Persa. Os persas foram um povo guerreiro e expansionista, que estabeleceu um império vasto e poderoso, abrangendo grandes partes do Oriente Médio, Ásia Central e Egito.

No entanto, a história do Irã também foi marcada por conflitos e disputas internas. A palavra "Estado" está relacionada à ideia de uma entidade política organizada e governada por um governo central. Ao longo dos séculos, o território iraniano viu a ascensão e queda de diversos Estados e Impérios, como o Império Persa, o Império Parta, o Império Sassânida e o Império Safávida. Esses diferentes estados exerceram influência não apenas sobre a própria região, mas também sobre outras áreas do mundo, especialmente durante o auge do Império Persa.

Além disso, a palavra "unir" pode ser associada à história do Irã no contexto de suas lutas e esforços para manter a unidade interna e a identidade nacional. Embora tenha havido diferentes povos e grupos étnicos que habitaram a região ao longo da história, como persas, árabes, curdos, azerbaijanos e muitos outros, o Irã tem buscado preservar sua unidade como nação. Isso nem sempre foi fácil, uma vez que o país enfrentou divisões internas, disputas étnicas e até mesmo interferência externa.

A Revolução Islâmica é um símbolo atemporal que traduz o rompimento com os ideais ocidentais no qual o governo iraniano atribui como fator condicionante da política externa do país. A Revolução Islâmica implica compreender a rejeição da influência ocidental e a necessidade de expressar visões políticas independentes e autônomas.

Unas visiones que favorecen relaciones de solidaridad intra-ummáticas, relaciones que no están construidas desde una visión jerárquica y vertical, como las planteadas por Occidente, sino que se caracterizan por una horizontalidad. El éxito de la Revolución, por último, no hay que buscarlo sólo en la exportación de cuadros revolucionarios, sino en conseguir que el lenguaje Islamista se convirtiese en el lenguaje político de Muslimistán (HispanTV, 2023).

Um exemplo importante da busca pela unidade no Irã é o advento do islamismo como religião dominante no país. Após a Revolução Islâmica de 1979, o Irã se tornou uma república islâmica e adotou o Islã como a ideologia política central. O regime liderado pelo aiatolá Ruhollah Khomeini buscou unificar o país sob os princípios do islamismo xiita, o que teve um impacto significativo na política, cultura e sociedade iranianas.

Em um artigo publicado em 17 de março de 2023, o portal destaca a importância da construção de uma identidade baseada no pluralismo social, político e religioso.

(...) la búsqueda de la unidad islámica es fundamental para comprender la auto-representación de la República Islámica como el hogar político de todos los musulmanes, un gran poder capaz de defender a toda la comunidad islámica de los ataques de Occidente. Desde 1979, Estados Unidos y la entidad sionista han tratado de evitar esta unidad islámica con Irán como centro político, ya que significaría el fracaso de sus agendas políticas (HispanTV, 2023).

Portanto, a conexão entre as palavras "ir", "estado" e "unir" pode ser observada na história do Irã. Através dos séculos, o país passou por diferentes estados e impérios, enquanto procurava manter sua unidade como nação. Apesar das diversidades étnicas e das tensões internas e externas, o Irã tem buscado preservar sua identidade nacional e fortalecer sua coesão, muitas vezes através de ideologias políticas e religiosas. Essa interconexão entre as palavras reflete a complexidade da história iraniana e a busca constante por uma identidade unificada.

No que se refere à conexão entre as palavras "Israel", "régimen" e "palestino", pode ser explorada em relação à história do Irã e a seu envolvimento com a questão palestina e a colonização da Palestina por Israel. O Irã tem sido um dos principais defensores dos direitos palestinos e critica fortemente a ocupação ilegal dos territórios palestinos por parte de Israel.

A palavra "Israel" refere-se ao Estado de Israel, um país localizado no Oriente Médio, estabelecido em 1948. A fundação de Israel foi um evento significativo na história contemporânea, resultante do movimento sionista, que buscava estabelecer um Estado judaico em resposta ao histórico antissemitismo e ao desejo de autodeterminação do povo judeu.

No entanto, a criação de Israel também levou a um conflito duradouro com o povo palestino, que viu a formação de seu próprio movimento nacionalista, o nacionalismo palestino, com o objetivo de estabelecer um Estado palestino independente na região histórica da Palestina. A palavra "palestino" está ligada à identidade e às aspirações do povo palestino, que busca o reconhecimento de seus direitos e autodeterminação.

No dia 03 de janeiro de 2023, o HispanTV publicou uma notícia envolvendo a visita de um ministro israelense à Mesquita de Al-Aqsa, alertando “ha advertido al nuevo gabinete del régimen “ilegítimo y racista” de Israel contra cualquier aventurismo y provocaciones en lugares sagrados de musulmanes”. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Naser Kanani, demonstrou que existe uma prioridade por parte do mundo islâmico, assim como reforço que é dever das “nações livres” defender a Palestina e os ideais que implicam a sua viabilidade no cenário internacional. Em suas palavras,

El Al-Quds [Jerusalén] unificado es la capital permanente y eterna de Palestina y cualquier blasfemia de los lugares sagrados de Palestina, incluida la Mezquita Al-Aqsa, es un ejemplo de violación de las normas internacionales y un insulto a los valores y santidades de los musulmanes del mundo, y se enfrentará a la reacción de las naciones musulmanas”, ha enfatizado Kanani (HispanTV, 2023).

Quando se trata da palavra "régimen" em relação ao Irã, pode-se entender como uma referência à visão que o Irã tem sobre o governo israelense e a suas políticas. O Irã, especificamente após a Revolução Islâmica de 1979, adotou uma postura de forte oposição a Israel, especialmente devido às questões relacionadas à Palestina. O Irã considera Israel como ilegítimo e opressor, e a liderança iraniana tem criticado abertamente as ações de Israel na Palestina. Por isso, nessas críticas, o HispanTV costuma-se referir ao "régimen" de Israel que coloniza os territórios palestinos desde 1967.

O Irã tem apoiado ativamente os palestinos ao longo dos anos, fornecendo assistência política, financeira e militar. O país tem sido um dos principais patrocinadores de grupos como o Hamas e a Jihad Islâmica Palestina, que têm resistido à ocupação israelense e buscado a criação de um Estado palestino. O líder supremo iraniano, o aiatolá Ali Khamenei, repetidamente expressou seu apoio à luta palestina e afirmou que Israel é um "régimen sionista opressor" (HispanTV, 2023). Além disso, o Irã tem criticado a comunidade internacional por sua postura em relação a Israel, acusando-a de permitir a ocupação e a violação dos direitos palestinos. O tema da Palestina tem sido uma questão importante na política externa iraniana e um fator de mobilização popular dentro do país.

Em suma, a conexão entre as palavras "Israel", "régimen" e "palestino" no contexto do Irã está enraizada na postura iraniana em relação à questão palestina e à ocupação ilegal dos territórios palestinos por Israel. O Irã tem sido um defensor ativo dos direitos palestinos e criticou o que considera ser as políticas e ações opressivas de Israel. Essa conexão reflete o papel do Irã na região e sua busca por justiça e autodeterminação para o povo palestino. No entanto, é importante ressaltar que há perspectivas e interpretações diferentes desse conflito, e as opiniões podem variar dependendo da fonte e do contexto político.

A conexão entre as palavras "seguridad", "nuclear", "militar", "nación" e "fuerza" no está relacionada à história do país e a suas políticas de defesa e de segurança nacional. A palavra "seguridad" é um elemento fundamental para o Irã, pois em mais de uma ocasião, Israel ameaçou bombardear o Irã para impedir o desenvolvimento de seu programa nuclear. Ao longo da história, o Irã tem enfrentado várias ameaças e desafios à sua segurança, tanto

internos quanto externos. Isso influenciou as políticas adotadas pelo país para garantir a estabilidade e proteger seus interesses.

Em 03 de março de 2023, o portal HispanTV publicou uma notícia envolvendo um plano secreto no qual Estados Unidos e Israel estariam planejando iniciar uma guerra contra o Irã. Segundo o portal,

“Support Sentry” se llama el plan de contingencia desarrollado desde 2018 por el Departamento de Defensa de Estados Unidos para abrir el frente de guerra con Irán, según un informe difundido por *The Intercept* que asegura que los datos provienen de un manual clasificado de operaciones conjuntas de las Fuerzas Armadas, extraído del Pentágono. Luego, el 19 de febrero, el embajador de EE.UU. ante Israel, Tom Nides, declaró que la posición de la Administración Biden es que “Israel puede y debe hacer lo que sea necesario para tratar” con Irán, “y los respaldamos” (HispanTV, 2023).

Levando em consideração a situação exposta, o portal na mesma notícia enfatizou a integridade da defesa nacional quando:

En un reciente discurso, el Líder de la Revolución Islámica de Irán, el ayatolá Seyed Ali Jamenei, elogiando la potencia militar invencible del país, explicó que si Irán se ocupa de llenar sus arsenales con potentes armas se debe a las amenazas que nunca terminan. “Un país que tiene enemigos debe cuidar de sí mismo. Nosotros tenemos enemigos y debemos reforzar nuestro aspecto defensivo. Lo dicta la razón y lo dice también la ley islámica”, subrayó el ayatolá Jamenei (HispanTV, 2023).

A palavra "nuclear" está diretamente relacionada às ambições nucleares do Irã e ao seu principal inimigo, Israel que é uma potência nuclear. O programa nuclear iraniano tem sido objeto de controvérsia e de debates internacionais há décadas. O Irã alega que seu programa nuclear é pacífico, com o objetivo de desenvolver energia nuclear para fins civis, como geração de eletricidade e pesquisas médicas. No entanto, há preocupações e suspeitas internacionais sobre as intenções reais do Irã, especialmente em relação ao desenvolvimento de armas nucleares.

Essas preocupações levaram à imposição de sanções econômicas e pressões diplomáticas sobre o Irã por parte do Ocidente. Além disso, negociações e acordos foram estabelecidos para controlar e monitorar o programa nuclear iraniano, como o Plano de Ação Conjunto Global (JCPOA) em 2015. Esses esforços visam garantir a segurança regional e internacional, promovendo a não proliferação nuclear.

Em 05 de fevereiro de 2023, o portal HispanTV publicou uma notícia que envolveu a publicação de um relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), no qual o diretor geral da agência denuncia a presença de "partículas de urânio não declaradas" em

algumas instalações nucleares do Irã. O governo irariano utilizou o portal para responder os questionamentos, enfatizando que:

Uranio iraní enriquecido al 60% se usa para producir radiofármacos. Irán desestimó la resolución por considerarla políticamente motivada y lamentó que, pese a haber proporcionado la información necesaria y el acceso a la AIEA, el organismo internacional ha repetido en varias ocasiones las acusaciones sobre la supuesta existencia de rastros de uranio en sitios no declarados. La República Islámica ha asegurado una y otra vez que no hay actividad ni sitio nuclear no declarado en Irán, y subraya que todas estas acusaciones son parte de una campaña de propaganda contra el país persa (HispanTV, 2023).

A palavra "militar" está relacionada à capacidade de defesa do Irã. O país tem um dos maiores orçamentos militares do Oriente Médio e busca desenvolver suas próprias forças armadas para proteger sua soberania e interesses nacionais. O Irã tem investido na modernização de seu exército, marinha e força aérea, além de desenvolver capacidades defensivas, como mísseis balísticos.

A palavra "fuerza" representa a capacidade do Irã de proteger seus interesses e enfrentar desafios. O país busca desenvolver forças armadas fortes e uma postura de dissuasão, especialmente contra Israel, para garantir sua segurança e soberania. Isso inclui o desenvolvimento de capacidades defensivas e uma postura assertiva em relação a seus adversários.

A Força Naval do Corpo de Guardiães da Revolução Islâmica (CGRI) desempenha um papel crucial na defesa e segurança do Irã, especialmente nas regiões marítimas e costeiras. Eles monitoram e patrulham o Golfo Pérsico, o Estreito de Hormuz e o Mar de Omã, que são áreas estratégicas e sensíveis para o país. A presença naval do CGRI é essencial para proteger os interesses nacionais do Irã no cenário regional e internacional. Isso inclui a defesa dos recursos marítimos, a proteção das fronteiras marítimas e a manutenção da estabilidade na região.

En los últimos años, la Fuerza Naval iraní ha incrementado su presencia en las aguas internacionales para velar por la seguridad de las rutas navales, en peligro por los ataques piratas, y para enfrentar a los barcos estadounidenses que violan repetidamente la soberanía de las aguas jurisdiccionales de Irán, especialmente en el Golfo Pérsico (HispanTV, 2023).

Portanto, as palavras "seguridad", "nuclear", "militar", "nación" e "fuerza" estão interconectadas na história do Irã. O país enfrentou desafios de segurança, incluindo questões relacionadas ao programa nuclear, e tem buscado desenvolver suas próprias capacidades de defesa para garantir sua soberania. A segurança nacional e a preservação dos interesses

nacionais têm sido prioridades para o Irã, refletindo seu papel na região e no cenário internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou explorar de que maneira o portal HispanTV é utilizado como ferramenta de diplomacia pública pelo governo iraniano baseado na ideia de Gilboa (2001) quanto à diplomacia midiática.

O Irã tem investido na diplomacia pública como uma estratégia para promover seus interesses e melhorar sua imagem no cenário internacional. Isso inclui esforços para divulgar informações sobre a cultura, a história e perspectivas do país para públicos estrangeiros. A diplomacia pública iraniana busca influenciar a opinião pública global e construir relacionamentos positivos com outros países. O HispanTV foi criado como parte dos esforços do governo iraniano para expandir sua presença midiática e promover sua visão de mundo. O HispanTV transmite notícias, programas culturais, entrevistas e debates relacionados ao Irã, Oriente Médio e outras questões internacionais. Através do HispanTV, o Irã busca alcançar públicos de língua espanhola e influenciar a opinião pública em países de língua espanhola.

A mídia desempenha um papel fundamental nas relações internacionais, uma vez que é responsável pela disseminação de informações e pela formação de opinião pública. Através dos diferentes meios de comunicação, como jornais, revistas, rádio, televisão, internet e mídias sociais, a mídia tem o poder de moldar a percepção das pessoas sobre questões internacionais, influenciando as opiniões e as atitudes em relação a diferentes países e eventos globais. Além disso, a mídia pode desempenhar um papel na cobertura de conflitos, negociações diplomáticas, questões de direitos humanos e outros assuntos de interesse internacional, muitas vezes afetando o curso desses eventos.

Incorporado à ideia de soft power, a mídia desempenha um papel significativo na projeção do soft power de um país, pois é uma ferramenta eficaz para a disseminação de sua cultura, valores e perspectivas. Através da mídia, um país pode exportar sua produção cultural, como música, filmes, programas de televisão, literatura e arte, o que pode atrair a atenção e a admiração de audiências estrangeiras. Além disso, a mídia pode ser usada para promover uma imagem positiva do país, seus líderes e políticas, e influenciar a opinião pública em escala global.

Dessa forma, a pesquisa buscou responder a pergunta: de que maneira o Irã utiliza a diplomacia pública e estabelece seu espaço na construção da agenda internacional através do portal HispanTV?

O Irã utiliza a diplomacia pública por meio do portal HispanTV para estabelecer seu espaço na construção da agenda internacional de maneiras diversas. Levando em consideração os capítulos anteriores e o processamento de dados estabelecido pelo IRAMUTEQ explorado na aba Irán, é possível destacar algumas das formas de atuação como o Irã utiliza o portal HispanTV para esse fim:

1. Disseminação de perspectivas alternativas: o portal HispanTV permite que o Irã apresente perspectivas sobre eventos globais e assuntos internacionais. Oferece uma plataforma para que o Irã compartilhe suas políticas, pontos de vista e análises sobre questões internacionais que muitas vezes não são amplamente divulgadas pelos meios de comunicação ocidentais. Isso permite que o país influencie a narrativa e a agenda global, apresentando uma perspectiva diferente daquela predominante na mídia convencional.
2. Promoção da diversidade cultural: o Irã, por meio do HispanTV, promove a diversidade cultural e a interculturalidade, enfatizando a riqueza da cultura iraniana e o pluralismo existente na sociedade. Isso é feito por meio da cobertura de eventos culturais, festivais, exposições e outros aspectos da vida cultural iraniana. Através disso, o Irã busca fortalecer os laços culturais com outros países e destacar sua contribuição para a herança cultural mundial.
3. Abordagem de questões globais: o Irã utiliza o HispanTV para abordar questões globais relevantes, como conflitos regionais, políticas internacionais, direitos humanos e desafios enfrentados pela comunidade internacional. Através de cobertura jornalística e análises, o portal aborda essas questões de uma perspectiva iraniana, oferecendo um contraponto às narrativas predominantes. Isso permite que o Irã exerça influência na agenda internacional, apresentando seus argumentos e soluções para desafios globais.
4. Engajamento com públicos internacionais: o HispanTV é uma plataforma acessível globalmente e, portanto, permite que o Irã se engaje diretamente com públicos internacionais. O portal está disponível em vários idiomas, incluindo espanhol e inglês, alcançando um amplo espectro de audiências. Isso permite que o Irã estabeleça diálogo, responda a perguntas e promova o entendimento mútuo com públicos de diferentes países e culturas.

Portanto, o Irã utiliza o portal HispanTV como uma ferramenta de diplomacia pública para estabelecer seu espaço na construção da agenda internacional. Através do portal, o país busca disseminar perspectivas alternativas, promover a diversidade cultural, abordar questões globais e se engajar com públicos internacionais. Ao fazer isso, o Irã busca influenciar a narrativa e moldar a agenda global, apresentando sua visão e contribuição para assuntos internacionais.

Além disso, o Irã utiliza o portal HispanTV como uma plataforma para construir uma imagem positiva do país de várias maneiras. O portal destaca as realizações e avanços do Irã em diversas áreas, como ciência, tecnologia, cultura, economia e sociedade. Isso inclui cobertura de projetos de desenvolvimento, descobertas científicas, avanços na indústria, iniciativas culturais e progresso social. Ao destacar esses aspectos positivos, o Irã busca criar uma percepção favorável e destacar sua contribuição para o mundo. Além disso, enfatiza a riqueza da cultura iraniana e promove a diversidade cultural e a interculturalidade. Ele destaca a música, a arte, a literatura, a gastronomia e outras expressões culturais do Irã, bem como as interações culturais entre o Irã e outros países. Isso ajuda a apresentar o país como uma nação com uma herança cultural rica e uma sociedade acolhedora e cosmopolita.

O portal HispanTV cobre eventos e programas que mostram o lado positivo do Irã. Isso inclui festivais, exposições, conferências e outros eventos que destacam o progresso e as conquistas do país. Ao mostrar o Irã como um local para eventos de destaque e como anfitrião de iniciativas positivas, o portal contribui para construir uma imagem positiva e atrair interesse internacional. O HispanTV também destaca a diplomacia e a cooperação internacional do Irã. Isso inclui a cobertura de visitas de líderes estrangeiros ao Irã, reuniões diplomáticas e parcerias internacionais. Ao destacar os esforços do Irã para se envolver com a comunidade internacional, o portal reforça a imagem do país como um ator responsável e comprometido com a paz, a estabilidade e a cooperação global. Com base nisso, é capaz de combater estereótipos negativos e desinformação sobre o Irã quando aborda questões sensíveis e polêmicas relacionadas ao país, fornecendo informações e perspectivas alternativas. Ao fazer isso, o portal ajuda a criar uma imagem mais precisa e equilibrada do Irã, contrariando narrativas distorcidas e promovendo uma compreensão mais abrangente.

Portanto, o Irã utiliza o portal HispanTV como uma ferramenta para construir uma imagem positiva do país, destacando suas realizações, diversidade cultural, cooperação internacional e combatendo estereótipos negativos. Ao apresentar uma visão equilibrada e

informada do Irã, o portal contribui para uma melhor compreensão e apreciação do país no cenário internacional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, P. L. A. *Agências de Notícias do Sul Global: jornalismo, Estado e circulação da informação nas periferias do sistema-mundo*. 2018. **Tese**. (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BEEVOR, A. *A Segunda Guerra Mundial*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G.. **Dicionário de Política**. São Paulo: Editora UNB - Imprensa Oficial: 2004.
- BOBBIO, Norberto, 1909- *A era dos direitos / Norberto Bobbio; tradução Carlos Nelson Coutinho; apresentação de Celso Lafer. — Nova ed. — Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 7ª reimpressão.*
- BOULDING, K.E. **National images and international systems**. *The Journal of Conflict Resolution*, 3, 2, p.120-131,1959.
- BRIGGS, A. BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BRIGGS, C. L. **Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary society**. *Current Anthropology*, vol. 48, n. 4, p. 551-561, 2007.
- BRZEZINSKI, Z. **EUA: o grande Desafio URSS**: Rio de Janeiro: Nordica, 1987.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Diplomacy in the media age: three models of uses and effects**. *Diplomacy & Statecraft*, v. 12, n. 2, p. 1-28, 2001.
- CARTA CAPITAL. *Twitter bloqueia conta da emissora iraniana HISPANTV*, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/twitter-bloqueia-counta-de-emissora-iraniana-hispantv/>. Acesso em 7 jul 2023.
- CORDESMAN, A. H. *Iran's Revolutionary Guards, the Al Quds Force, and Other Intelligence and Paramilitary Forces*. **Center for Strategic & International Studies**. p. 1-18. 2007. Disponível em: https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy_files/files/media/csis/pubs/070816_cordeman_report.pdf. Acessado em 07 de maio de 2023.
- COGIOLLA, O. **A Revolução Iraniana**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2008.
- EHTESHAMI, A. *The Foreign Policy of Iran*. In: **The foreign policies of Middle East states**. BOULDER, Co.: Lynne Rienner, 2002, pp. 283 -309.
- FERNANDES, C. C. *O Iconoclasmo Bizantino: Modos de Integração e Desintegração no Mediterrâneo*. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 73-94, 2018. DOI:

10.11606/issn.2177-4218.v9i1p73-94. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/145221>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FORBES, Google Cuts YouTube Access For Iran's Press TV And HispanTV "Without Any Warning", 2019. Disponível em:
<https://www.forbes.com/sites/zakdoffman/2019/04/23/google-blocks-iranian-state-tvs-youtube-and-gmail-after-anti-israel-propaganda/#2062411c77bd>. Acesso em 7 jun 2023.

GILBOA, E. Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects. **Diplomacy & Statecraft**, 12:2, 1-28. Londres, 2001. Disponível em
<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/09592290108406201?needAccess=true&role=button>. Acesso em 10 jun. 2023.

GILBOA, E. **Global Communication and Foreign Policy**. Journal of Communication; Dec1, vol.52, 4. ABI/INFORM Global, 2002.

GRAMSCI, A. Os jornais e os operários. **Marxists Internet Archive**, p. 1961-1981, 2005. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>. Acesso em: 01 jun. 2023.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: Maquiavel, notas sobre o estado e a política. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, A. Hegemonia, Guerra de Movimento, Guerra de Posição. In: COUTINHO, C. N. (org.). **O Leitor de Gramsci**: escritos escolhidos 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GIDDENS, A. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

GOOGLE. YouTube about. Políticas e Segurança. Diretrizes da Comunidade. **Google**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/policies/#community-guidelines>. Acesso em: 14 jul. 2023.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

HABERMAS, J. **Teoria da Ação Comunicativa**: racionalização da sociedade. Vol. 1 e 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HAARETZ, Google Blocks Accounts of Iranian News Site That Said Israel Experiments on Palestinian Prisoners, 2019. Disponível em:
<https://www.haaretz.com/hblocked?returnTo=https%3A%2F%2Fwww.haaretz.com%2Fisrael-news%2Fgoogle-blocks-accounts-of-iranian-news-site-that-said-israel-experiments-on-palestin-1.7157178>. Acesso em 7 jul 2023.

HISPANTV. Nosotros. **HispanTV**, 2020. Disponível em: <https://www.hispantv.com/nosotros>. Acesso em: 17 maio 2023.

HISPANTV. Google cierra todas las cuentas de HispanTV en YouTube y Google+. **HispanTV**, 2017. Disponível em:

<https://www.hispantv.com/noticias/social/361097/google-cierra-cuentas-hispantv-youtube-plus>. Acceso em: 23 maio 2023.

HISPANTV. Google bloquea el acceso de HispanTV a su cuenta de YouTube. **HispanTV**, 2018. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/social/386068/acceso-hispantv-youtube-google-plus>. Acesso em: 23 maio 2023.

HISPANTV. Google reitera su censura y borra 3ª página de HispanTV en YouTube. **HispanTV**, 2019. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/social/427071/google-bloqueo-hispantv-youtube-censura-libertad-expresion>. Acesso em: 23 maio 2023.

HISPANTV. YouTube elimina vídeos de cuentas ya bloqueadas de HispanTV. **HispanTV**, 2020. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/social/446744/google-elimina-cuenta-youtube-censura>. Acesso: 20 maio 2023.

HISPANTV. HispanTV cumple 8 años informando bajo censura y bloqueo. **HispanTV**, 2020. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/social/448180/iran-hispantv-cadena-espanol-aniversario-programas>. Acesso em: 20 maio 2023.

HISPANTV. Irán y Cuba subrayan importancia de fortalecer lazos diplomáticos. **HispanTV**, 2023. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/politica/560157/iran-relaciones-cuba-visita>. Acesso em: 20 abril 2023.

HISPANTV. Irán a la AIEA: plan y objetivos del viaje de Grossi deben ser claros. **HispanTV**, 2023. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/energia-nuclear/559981/iran-eslami-viaje-grossi>. Acesso em: 20 abril 2023.

HISPANTV. Líder: el objetivo del Hach es la unidad de la comunidad islámica. **HispanTV**, 2023. Disponível em: <http://www.hispantv.com/noticias/politica/565488/lider-iran-hach-unir>. Acesso em: 20 abril 2023.

HISPANTV. Irán alerta al gabinete de Netanyahu contra aventurismo en Al-Aqsa. **HispanTV**, 2023. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/politica/558360/iran-israel-ministro-mezquita-alaqsa>. Acesso em: 21 abril 2023.

HISPANTV. Irán alaba respuesta de Resistencia palestina a brutalidad israelí. **HispanTV**, 2023. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/politica/559805/iran-hamas-haniya-yenin-asesinato-israel>. **HispanTV**, 2023. Acesso em: 22 abril 2023.

HISPANTV. Revolución Islámica de Irán contra eurocentrismo. Disponível em: <https://www.hispantv.com/noticias/opinion/559884/revolucion-islamica-iran-jomeini>. **HispanTV**, 2023. Acesso em: 23 abril 2023.

HISPANTV. Comandante de Marina relata hazañas logradas por el CGRI de Irán. Disponível em: <https://www.hispanTV.com/noticias/defensa/561194/armada-iran-tangsiri-cgri>.

HispanTV, 2023. Acesso em: 23 abril 2023.

HispanTV. Revelado plan secreto de EEUU e Israel para guerra frontal con Irán. **HispanTV**, 2023. Disponível em:

<https://www.hispanTV.com/noticias/defensa/561578/guerra-iran-eeuu-israel>. Acesso em 02 maio 2023.

HispanTV. Soleimani estableció las bases del actual acuerdo Irán-Arabia Saudí. **HispanTV**, 2023. Disponível em:

<https://www.hispanTV.com/noticias/opinion/562401/general-soleimani-acuerdo-iran-arabia-saudi>. Acesso em 03 maio 2023.

Iran: The Essential Guide to a Country on the Brink. Encyclopedia Britannica. New Jersey: John Wiley & Sons, 2006.

JERVIS, Robert., **Perception and misperception in international politics**. New edition, New Jersey: PU, (2017[1976]).

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

LAMPREIA, L. F. . **Aposta em Teerã: O acordo nuclear entre Brasil, Turquia e Irã**. [S. l.]: Objetiva, 2014. 152 p.

LAFER, C. **A diplomacia globalizada**. Valor Econômico, 11-13 de setembro de 2000, p. 7-9.

LA JUVENTUD, Google cierra todas las cuentas de HispanTV em YouTube y Google+, 2017. Disponível em:

<https://www.diariolajuventud.com/single-post/2017/11/30/Google-cierra-todas-las-cuentas-de-HispanTV-en-Youtube-y-Google>. Acesso em 7 jul 2023.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

KARMAL, L. (et al). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MACKEY, S. **Os iranianos: Pérsia, Islã e a alma de uma nação**. Tradução Solution Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

MATTELART, A. **História da Sociedade da Informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MCLUHAN, M. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Nova York: McGraw Hill, 1964.

MENDES, Pedro Emanuel. **Percepções e imagens na Política externa do estado Novo Português: a importância do triângulo identitário**. DADOS, Rio de Janeiro, 63, 3, 2020.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.3.214>>. Acesso em: 20 maio 2023.

MORIN, E. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: MARTINS, F. ; SILVA, J. da. **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

NICOLSON, H. 2001 [1954]. *The Evolution of Diplomatic Method*. Leicester: Diplomatic Studies Programme.

NYE, J. International Relations: the relevance of theory to practice. In REUS-SMIT, C. & SNIDAL, D (ed.) **The Oxford Handbook of International Relations**, Oxford: OUP, 2008.

NYE, J. Soft Power. **Foreign Policy**, Nº. 80, Twentieth Anniversary (Autumn), 1990, p. 153–171.

NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Disponível em: <file:///C:/Users/ADMINISTRACAO/AppData/Local/Temp/Joseph%20S.%20Nye%20%20Jr.-Soft%20Power_%20The%20Means%20To%20Success%20In%20World%20PoliticsPublicAffairs%20(2005).pdf.>. Acesso em 02 de julho de 2023.

OPPENHEIM, A. L. **Ancient Mesopotamia - Portrait of a Dead Civilization**. Chicago-London, The University of Chicago Press, 1976.

PESSUTO, K. O Espelho Mágico do Cinema Iraniano: Uma análise das performances dos "não" atores nos filmes de arte. 2011. 266 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

POLK, William. **Understanding Iran: Everything you need to know, from Persia to the Islamic Republic**, from Cyrus to Ahmadinejad. Nova Iorque: Palgrave McMillan, 2009.

ROTHKOF, D. Ciberpolitik: the changing nature of power in the Information Age. *Journal of International Affairs*, v. 51, 1998.

SOARES, R. . Política externa e mídia em um Estado democrático: o caso brasileiro. 2012. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, Brasília.

SIMPSON, J. (ed.). (2017). *Oxford English Dictionary* (3ª ed.). Disponível em <http://www.oed.com>. Acesso em: 01 maio 2023.

PEIXINHO, Maria de Fátima. O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação: Contexto e Desafios. **Dissertação** (mestrado) de Relações Internacionais. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2010. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/2292>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

VALLE MACHADO DA SILVA, Marcos. Os testes de mísseis iranianos e a construção de eventos relevantes para a segurança internacional. *Mundorama*. 2012. Disponível em <http://mundorama.net/2012/01/02/os-testes-de-misseis-iranianos-e-a-construcao-de-eventos-relevantes-para-a-seguranca-internacional-por-marcos-valle-machado-da-silva/>. Acesso em 28 de jun de 2023.

VALENTE, L. . **Política externa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Revan, 2007. <https://revistadigital.sre.gob.mx/index.php/rmpe/article/view/690/655> (cull)

TELESUR. Google Blocks Hispantv's Youtube Access Again. **TeleSUR**, 2020. Disponível em: <https://www.telesurenglish.net/news/google-blocks-hispantvs-youtube-access-again-20200213-0012.html>. Acesso em: 20 maio 2023.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Rio de Janeiro: **Vozes**, 2011.

YouTube. YouTube About. **YouTube, 2020**. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>. Acesso em: 14 jun. 2023.